ANO 17.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 1937 N.º 5374

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O GAROTO de Lisboa, como o gamin de Paris e o chaval de Madrid, tem a sua psicologia propria. Endiabrado, ironico, atrevido e mesmo destemido, não ha que fiar nele.

No fundo, porém, as suas qualidades são maiores que o somatorio dos seus defeitos. Tanto é capaz de estilhaçar uma vitrine, na paixão da bola, como dum acto util, mesmo tocante, sem que para isso seja necessario recompensá-lo. Se um ou outro gosta de vagabundagem, quantos não ha que, em profissões humildes, ganham duramente o pão, trabalhando, por vezes, com esforço superior ás suas forças?

Vem isto a proposito duma cena brutal a que, ha dias, assistimos, na avenida Fontes Pereira de Melo. Um garoto havia-se agarrado ao salva-vidas dum «electrico». O carro descia a toda a velocidade. O condutor, que o tinha visto, não esteve com meias medidas. Deu-lhe um pontapé no pescoço, com tal força, que o rapaz foi projectado, violentamente, contra uma arvore. E o carro seguiu, com os seus passageiros indiferentes, que nem sequer deram fé da façanha do brutamontes.

Supômos que ha outras maneiras de corrigir os abusos da garotada. Esta, por exemplo: substituir a bota cardada pela mão. E' mais civilizada e menos contundente.

* * *

TERMINOU com singular exito a Semana do Cinema Brasileiro, que se exibiu no Coliseu dos Recreios. O exito foi mesmo tão acentuado que houve que prolongar por mais uns dias, até domingo, pelo menos, aquela série de espectaculos.

A apresentação do Cinema Brasileiro constituiu uma revelação para a maior parte do publico, e redundou numa exaltação das possibilidades da arte cinematografica do grande país amigo.

Em grande parte se ficou devendo as exibições do cinema do Brasil, com a apresentação de suas graças e belezas, á nossa distinta colega de Imprensa, sr.ª D. Virginia Quaresma, gerente do Atlas Filmes, do Rio de Janeiro.

* * *

OS «Lusiadas» estão traduzidos em dezenas de linguas e muitos dialectos. Como todas as obras—e muitas não são—de projecção universalista, o poema de Camões pode ser directamente entendido por quasi todos os povos do glôbo.

Mas em chinês nada havia. Por ordem do governador de Macau, dr. Tamagnini Barbosa, um largo e elucidativo sumario dos «Lusiadas» foi agora passado a chinês pelo sr. Antonio Mario da Silva, funcionario superior da colonia, numa edição curiosa com os dois textos comparddos, na qual colaborou o letrado e humanista dr. Chu-Pui-Chi, funcionario de uma repartição portuguesa do governo geral de Macau.

O CAMBIO

Há questões em que se ouve falar todos os dias, fenomenos que se observam a todas as horas ou a cada passo e que um exame superficial nos permite distinguir de quaisquer outros ao primeiro golpe de vista. Contudo, se nos pedirem uma explicação, não a podemos dar ou, francamente, não a sabemos dar. E, se consultarmos algum trabalho cientifico, envolvidos numa tecnica complicada ou mergulhados num pélago de abstracções, saimos ainda mais confusos ou não menos ignorantes.

Tal está o cambio, tão vivamente discutido perante os ultimos conflitos internos e externos, e, como sempre, tirano e voluvel, dominando os homens e os acontecimentos, cimentando uma grande obra ou cavando uma funda ruina. Dêle tentaremos dar ao publico uma noção fiel.

Três duvidas embaraçosas nos intrigam e desconcertam: Quando aparece o cambio? Em que consiste o cambio? Como se explica o cambio?

Aparece o cambio quando um país ou, antes, quando um individuo transacciona, viaja ou, em suma, faz qualquer despesa no estrangeiro, carecendo, por isso, de adquirir para os seus pagamentos moeda estrangeira em troca da moeda nacional, que pode valer o mesmo ou valer mais ou menos do que aquela (referidas ambas ao padrão-ouro ou antes comparadas pelo seu poder de compra).

Consiste o cambio, para uns, na conversão da moeda dum Estado na moeda de outro Estado; para outros, no premio do ouro, isto é, no que se paga a mais até atingir o respectivo padrão; para outros, no preço por que se negoceiam os titulos que substituem a remessa de numerario para o estrangeiro, evitando o seu dificil e custoso transporte (Reboud), ou no preço em moeda nacional da moeda estrangeira (Aftalion); para outros (Cassel), na diferença entre os valores interiores das moedas, isto é, o seu valor dentro de cada país.

Um ligeiro exame, porém, mostra que, no fundo, todos esses conceitos se reduzem á idéa de que o cambio é a relação de troca entre a moeda interna e moeda externa (Nogaro), isto é, a operação em si, em que com moeda nacional se adquire moeda estrangeira (dr. Oliveira Salazar, *O agio do ouro*), ou, para nos servirmos duma expressão mais simples, a equivalencia de valores entre a moeda nacional e a moeda estrangeira. Não se deve, pois, confundir com o agio, que é a diferença de valor entre as duas moedas, nem com o curso do cambio, que é o preço por que este se efectua, traduzido nas cotações.

E explica-se o cambio por duas teorias fundamentais e dominantes. A primeira é a teoria quantitativa da moeda, segundo a qual o cambio depende da quantidade de moeda em circulação dentro dum país, depreciando-se quando ela excede as necessidades da troca. Oferece, porém, duas novas modalidades: uma (Fisher) que determina a quantidade de moeda, não só pelo *stock* metalico, mas pela porção de moeda-papel e pela velocidade da sua circulação; outra (Cassel) — muito em voga após a grande guerra — que atende, de preferencia, ao poder de compra das moedas, considerando o cambio, portanto, dependente da relação entre os poderes de compra interiores das moedas dos diferentes países.

Para o seu repúdio, basta notar que ela nem dá a razão por que a moeda depreciada no interior dum país, em relação com as mercadorias por que se troca, se torna depreciada perante a moeda estrangeira, nem a razão por que é preciso adquirir a moeda estrangeira (dr. Oliveira Salazar), pois que uma rarefacção de moeda no interior, por exemplo, ainda que lhe aumentasse o valor perante os habitantes do país, não lhe daria utilidade aos olhos dos estrangeiros, quando estes não fossem devedores (Nogaro).

A segunda é a teoria da balança económica, ou balança de contas ou balança de pagamentos (rejeitadas por subtis as distinções feitas entre essas expressões), segundo a qual o cambio depende do estado de creditos e debitos entre os países em causa, revelado pela balança economica, que, por sua vez, é influenciada pela lei da oferta e da procura. De modo que o cambio desce ou sobe, isto é, apresenta se favoravel ou desfavoravel

DIAS FERREIRA

(Vêr continuação na pagina central)

OS «Lloyd's», de Londres, são uma instituição muito inglesa, rodeada de prestigio, de feitio tradicionalista, considerada um dos «pilares do Imperio». As particularidades do direito inglês e a indole conservadora normalista das suas formulas, dá aos «Lloyd's» uma caracteristica especial diferente em quasi tudo das Companhias de Seguros, sobretudo no aspecto tecnico. Mas o «Lloyd's» paga com honradês, e a sua reputação é universal.

Contudo, e como os seguros ali contratados têm um aspecto particular, á margem do direito comercial corrente, até no nosso país, de certo modo seguros «clandestinos», — a considerarem-se os operações no rigor formalista — as suas apolices, num caso judicial «não podem ser presentes em tribunais ou repartições portuguesas. Aquele que coloca um seguro nos «Lloyd's», em caso de sinistro, fica á mercê do segurador».

Esta doutrina e interpretação encontra-se num artigo do dr. Antonio Garcez publicado no «Arquivo Financeiro e Segurador», numero de outubro.

* * *

OS governadores de Cabo Verde e da Guiné representaram superiormente ao governo central sobre a vantagem de um intercambio economico entre as duas colonias, consistindo principalmente num «modus vivendi» de reciproco beneficio pautal.

Atendendo a isto, e á necessidade de ligações mais rapidas entre aquelas duas colonias, foi publicado um decreto que, entre outras vantagens e beneficios de navegação, isenta, na Guine, de direitos de importação a batata e o café de Cabo Verde, e em Cabo Verde o arroz. Os navios matriculados nos portos das duas colonias e que entre elas façam trafego comercial gozam de redução de cinquenta por cento nas taxas e impostos.

E' estabelecida uma carreira mensal de passageiros, carga e correio entre as duas colonias.

* * *

UM telegrama de ontem, de Londres, diz o seguinte, que nos parece merecedor de destaque:

«Cramborne, sub-secretario dos Negocios Estrangeiros, declarou, na Camara dos Comuns, que as negociações efectuadas entre Eden e o embaixador de Portugal, no sentido de serem tornados mais intimos contactos entre os dois paises, fazem bons progressos».

* * *

INICIAMOS hoje na 10.ª pagina a publicação duma série de cronicas da ilustre poetisa D. Oliva Guerra com as impressões da sua recente viagem a Italia e França.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

Barbosa & Costa L.da
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 12
apresentam o novo tapete **HALCÁ**
O melhor tapete Portugues
com preços de concorrencia
Grande **stock**
Telefone **2 3562**

A Cidade

MOBILIAS DA GRANJA
Se V. Ex.ª vai mobilar s/ Casa visite primeiro as n/ exposições de mobilias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6 (ao Chiado) Lisboa

A GRANDE GUERRA

Os italianos de Lisboa

comemoraram o aniversario do armistício com a Austria

Comemorando a passagem do 19.º aniversario da assinatura do armisticio entre a Italia e a Austria, as entidades oficiais italianas e a colonia de Lisboa realizaram hoje diversas cerimonias, a primeira das quais se efectuou junto do monumento aos mortos da Grande Guerra, na Avenida da Liberdade. Pelas 11 horas, começaram a chegar ao local onde se encontrava uma força de policia que formava um cordão em redor do monumento—os srs. Mameli, ministro da Italia, professor Bruno Biagi, adidos militar, naval, aeronautico e de Imprensa junto da legação de Italia, representantes da milicia fascista e uma deputação de antigos combatentes italianos, com o respectivo estandarte.

Aguardavam a sua chegada os srs. dr. Pinto Ferreira, do protocolo do ministerio dos Negocios Estrangeiros, comandante José Cabral, vice-presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Faria Afonso, seu secretario geral, e capitão Julio Gomes e major Costa Cabral, pela União dos Invalidos de Guerra.

Após rapidos cumprimentos, o ilustre professor Bruno Biagi colocou uma grande corôa de louros com fitas de seda com as côres nacionais italianas na base do monumento, depois do que houve um minuto de silencio.

Missa no jardim da Legação

Pelas 12 horas, no jardim da Legação de Italia, junto do obelisco onde estão inscritos os nomes dos combatentes da colonia italiana em Lisboa, que se encontrava envolto na bandeira italiana, foi celebrada missa pelo capelão militar Panio, para o que ali foi colocado um altar.

Em redor, viam-se os estandartes, italiano, do fascio e dos combatentes portugueses, franceses e belgas.

Antes de ter começado a cerimonia religiosa, o professor Biagi colocou junto do pequeno monumento uma grande corôa de louros, e os combatentes italianos, belgas, portugueses e franceses depuseram grandes ramos de flores naturais.

Ao acto religioso assistiram, além de todas as entidades que tomaram parte na cerimonia da Avenida da Liberdade, as crianças das escolas italianas, «balilas» e muitas senhoras da colonia italiana.

No final, procedeu-se á chamada dos italianos da colonia de Lisboa mortos durante a Grande Guerra, respondendo a assistencia: «Presente!».

Em seguida, o sr. ministro da Italia ofereceu á assistencia um «vermouth».

Na Casa de Italia

Sob a presidencia do professor Bruno Biagi, e com a assistencia dos srs. ministro e consul de Italia, adidos militar, aeronautico, naval e da Imprensa junto da legação, pessoal da legação e do consulado, componentes da Casa de Italia, e da Camara de Comercio, membros da colonia e trinta antigos combatentes italianos, realizou-se na Casa de Italia, um almoço, findo o qual foram erguidos entusiasticos vivas á Italia, ao rei Victor Manuel e a Mussolini.

"Diario Português„

O «Diario Português», do Rio de Janeiro, orgão da colonia portuguesa do Brasil, nomeou seu representante em Lisboa o sr. Carlos Cilia.

No dia 1 de dezembro proximo, o «Diario Português», comemora o seu 6.º aniversario com um numero especial, colaborado pelas maiores individualidades brasileiras e portuguesas.

Director geral das Alfandegas

Deve tomar posse no proximo sabado o novo director geral das Alfandegas sr. Jacinto Camara Pestana.

TAPETES PORTUGUESES
Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711

ás 5 horas cha
PATISSERIE VERSAILLES

ESTETICA CITADINA

Casas novas em ruas velhas

Um caso que não é unico em Lisboa

Gosto da arquitectura moderna — assim como tambem gosto da poesia moderna, da pintura moderna, da escultura moderna, de tudo quanto em arte significa uma rebeldia, um rompimento, uma procura de inéditas interpretações da beleza. Reconheço, porém, que as cousas modernas só se justificam e só se impõem quando á sua volta nada ha que não seja igualmente moderno, igualmente novo. Ou não seria um sacrilegio aproximar um bronze de Zadkine dos marmores gregos de British Museum? Não seria uma insensatez colocar uma tela de Chagall entre os quadros de Rubens — ou entre os quadros de Rafael? Não seria uma irreverencia de péssimo gôsto incluir um poema de Paul Eduard numa antologia de poetas romanticos — depois dos versos de Hugo, antes dos versos de Musset?

Precisamente o mesmo acontece no que á arquitectura se refere. Seria um crime que alguem edificasse ao lado da Sé ou em frente dos Jeronimos um geometrico agressivo arranha-ceus — unicamente comparavel, pelo desproposito, ao negro e feio gasometro que alguem plantou a poucos metros da formosissima e alvissima torre de Belem.

Pois bem!

Se Lisboa, como Paris, essa hidra dos tempos novos, ostenta «vinte rostos», isto é, se a capital dos portugueses, como a capital dos franceses, abraça e abrange vinte cidades, todas caracteristicas, todas pitorescas, todas dotadas de qualquer encanto singular — não ha duvida que uma dessas cidades, cidade sossegada, silenciosa, vai desde a calçada do Combro até ao largo do Rato e desde o jardim do Rio de Janeiro até á rua de S. Bento, deixando de fora, como noutra cidade, numa cidade áparte, o Bairro Alto e as suas irrequietas tradições de literatura, jornalismo e boémia.

Imersas num grande silencio e num grande sossêgo — evocam irresistivelmente o seculo passado as ruas entaladas entre o largo do Rato e a calçada do Combro, entre a rua de S. Bento e o jardim do Rio de Janeiro; mas evocam o seculo passado naquilo que tinha de mais burguês — e simultaneamente mais dôce, mais delicioso.

Umas casas, ali, são ricas, outras são pobres; umas são alegres, outras são tristes. As casas ricas amparam as casas pobres, as casas alegres animam as casas tristes — e não ha uma janela que não nos fale, que não nos conte uma historia de miseria ou de abastança, de amor ou de morte. E' que ali as casas ainda têm fisionomia e ainda têm expressão — ao contrario do que se dá com aquelas que actualmente estão em moda: monumentos de linhas hirtas, sêcas, igualitarias, impiedosas.

Depois, ali, de três em três passos, espreitam por cima dos muros as verduras dos quintais — promessas de pequenos paraisos com o murmurio duma bica, com a sombra duma arvore.

E quem desconheça o sitio — caminha de surpreza em surpreza. Ora se abre nos seus olhos um portão de casa fidalga — entremostrando um átrio de mosaico, escadas de pedra, azulejos; ora os seus olhos descobrem um patio de estalagem saloia — atravancado de carroças, de muares, de trouxas.

Os antigos tempos, ali, teimam, persistem — milagrosamente.

Para os velhinhos friorentos que pelos bancos gosam como lagartixas o sol hesitante destas hesitantes manhãs de outono — o jardim do Rio de Janeiro ainda é o jardim do Principe Real ou então é ainda o jardim da Patriarcal; á rua de Cecilio de Sousa chamam a rua da Procissão; á rua da Academia das Ciencias chamam a rua do Arco — a Jesus.

Outros nomes têm uma frescura e uma graça incompativeis com o prosaismo do nosso seculo: ha uma rua da Palmeira, uma rua do Jasmim, uma praça das Flores.

Tudo isto já caracteriza e já define suficientemente a cidadesinha calma e calada — parcela quasi provinciana duma capital quasi cosmopolita.

Saiba-se agora que certa e determinada rua — a rua de Eduardo Coelho — é exactamente como as outras do sitio: muros de quintais; amostras de verduras; casas de estilo antiquado — e uma grande tranquilidade, uma grande paz. A gente admira-se mesmo que por ali não ronde, á tarde, o homem do realejo, nem rode, ás vezes, uma tipoia com as cortinas cerradas — envolta na suspeita dalguma recatada aventura galante...

Construiram, porém, a meio dessa rua doutros tempos, um predio moderno, arrogantemente moderno, esmagadoramente moderno — que em torno de si tudo espesinha, tudo quebra, tudo achata!

Trata-se dum predio pesado, maciço — dum desenho sem delicadeza e sem fantasia, severo e rigoroso.

Compreender-se-ia aquele predio num bairro novo — traçado a regua e compasso?

Certamente.

Ali — é que não! Ali — é que não se compreende!

Mas ainda o pior é que o caso — muito infelizmente para Lisboa — não é unico.

* * *

E para que não se tome esta cronica como um protesto, mas simplesmente como um desabafo justo e justificavel — fecho-a com estas palavras que recorto do Anuario da Camara Municipal de Lisboa relativo a 1935: «... a deficiente constituição dos actuais Serviços de Arquitectura... sobejamente tem demonstrado quanto necessario se torna proceder a uma organização que permita corresponder á assistencia arquitectural que a cidade reclama — e a que tem direito».

DUTRA FARIA

Um voto de louvor á comissão

que organizou a Exposição Teatral

Na sessão de hoje da comissão administrativa da Camara Municipal, o vereador do pelouro dos Serviços Culturais, sr. coronel Pereira Coelho, propôs um voto de louvor aos srs. dr. Jorge de Faria e Lino Ferreira, da comissão organizadora da I Exposição Teatral Portuguesa «pelo exito alcançado por tão brilhante certame e que, na sua quasi totalidade, se ficou devendo á obsequiosa cedencia de grande numero de especies das suas valiosissimas colecções e ao trabalho inteligente e criterioso com que orientaram o arranjo geral dessa demonstração cultural e estetica».

O agradecimento torna-se extensivo á Imprensa e a outras entidades.

Chegou a Paris o rei da Grecia

PARIS, 4.—O rei Jorge da Grecia, que viaja incognito, chegou de Roma, vindo de comboio. Almoçou no Elyseu com Lebrun e avistar-se-á esta tarde com Chautemps e amanhã com Yvon Delbos, que virá expressamente de Bruxelas para o ver.—(Havas).

PARA OS NOSSOS POBRES

Do sr. tenente-coronel José Maria Freire, em nome da comissão executiva do monumento ao dr. Antonio José de Almeida, recebemos, para os pobres protegidos pelo «Diario de Lisboa», a quantia de 500$00, do saldo positivo das despesas do referido monumento. Agradecemos em nome dos nossos pobres.

ACADEMIA DAS CIENCIAS

O dr. Sousa da Camara

fez hoje

uma importante comunicação

Reuniu-se hoje, sob a presidencia do sr. dr. Egas Moniz, secretariado pelo sr. D. Antonio Pereira Foz, a secção de ciencias da Academia de Ciencias de Lisboa. A sessão começou pelas 14 e 30, achando-se presentes muitos academicos.

O sr. dr. Sousa da Camara comunicou haver ultimamente encontrado, de colaboração com o seu colega Carlos Gomes da Luz, sete novas especies para a ciencia micologica, as quais figurarão no segundo fasciculo do trabalho intitulado: «Micetas de Portugal».

As novas especies descobertas são as seguintes: leptosporella dicksoniae, calonectria eucalyptina, phyllosticta cycadis, stragseria rusei, glocosporium keutiae, amphichoeta viburui, anthronycas rhodendri.

Alguns destes grupos pertencem a generos curiosissimos, tais como a stragseria, notavel pelo apendiculo que os esporos apresentam; a amphichoeta e outros.

Conquanto pouca utilidade agronomica mostrem, têm todavia certa importancia para os estudos da criptogamica lusitanica, pois completa a lista existente das especies conhecidas.

A comunicação do sr. dr. Sousa da Camara foi muito apreciada pelos academicos presentes, merecendo os maiores elogios e palavras de louvor.

Em seguida, pelas 16 horas, realizou-se a assembléa geral da Academia de Ciencias de Lisboa, sob a presidencia do sr. dr. Julio Dantas, que foi muito concorrida.

O almirante Indalecio Nuñez

cumprimentou hoje, em visitas particulares, os altos comandos da Armada

O vice-almirante da Armada nacionalista espanhola sr. D. Indalecio Nuñez, que há dias se encontra em Lisboa, cumprimentou esta tarde, em visitas de caracter particular, alguns dos nossos almirantes, no Ministerio da Marinha.

Aquele oficial espanhol foi recebido, primeiramente, cêrca das 16 horas, pelos srs. almirantes Mata Oliveira, major general da Armada, e Ramalho Ortigão, chefe do Estado Maior Naval, com os quais conversou demoradamente.

Em seguida, o almirante Indalecio Nuñez dirigiu-se á Superintendencia da Armada, onde saudou o superintendente sr. almirante Almeida Henriques.

Por ultimo esteve na Repartição do Gabinete onde entregou os seus cartões de cumprimentos ao sr. ministro da Marinha, inscrevendo-se igualmente no livro de cumprimentos ao titular da pasta.

TRIBUNAIS

Na Boa Hora

No segundo juizo criminal do Tribunal da Boa Hora está a ser julgado á revelia Silvano Julio Verde, ausente em parte incerta, que é acusado de ter furtado titulos da Companhia dos Tabacos no valor de 25 contos.

No quinto juizo do mesmo Tribunal está tambem a decorrer o julgamento de Antonio Monteiro Alho, acusado de ter agredido com uma enxada na cabeça José Monteiro da Costa, que ficou impossibilitado de trabalhar durante 110 dias.

As sentenças devem ser proferidas ainda hoje.

A partida do "João de Lisboa"

O Arsenal de Marinha apresentou durante a manhã de hoje um desusado movimento com a presença de numerosas familias dos tripulantes do aviso «João de Lisboa» que partiu esta tarde para efectuar o periplo de Africa.

De manhã completou-se o abastecimento do navio.

O comandante embarcou no Arsenal cêrca das 15 horas.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Carmina Freire de Andrade de Sousa Lobo, D. Maria de Lancastre Araujo Macedo e Meneses, D. Amelia Ferreira Lima, D. Maria da Conceição da Camara Pereira, D. Maria da Madre de Deus de Almeida e Napoles (Chanceleiros), D. Maria Henriqueta de Lancastre, D. Maria Domingas de Queiroz Pinto Coelho, D. Cesaltina Alves de Sousa e D. Rosaria Fernandes Salgado.

NASCIMENTOS

A sr.ª D. Maria Isabel Vilardebó Chaves de Brito e Cunha, teve o seu bom sucesso. Mãi e Brito e Cunha, teve o seu bom sucesso. Mãi filho encontram-se felizmente bem.

EM VIAGEM

Regressou da sua Quinta de Alvelos, perto de Amarante, á sua casa em Lisboa, a sr.ª viscondessa de Alvelos.

—De Paris, onde foram visitar a exposição, regressaram á capital, os srs. Antonio Baião Falcão, acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Franco Baião Falcão, Henrique Franco, distinto professor da Escola de Belas Artes e Franco, notavel escultor.

—A' sua casa em Lisboa, regressou de Alvelos, a sr.ª D. Ana Maria de Barros da Costa Morais, esposa do sr. Vitor de Morais, que actualmente se encontra no Rio de Janeiro.

—Da sua viagem a Paris e Londres regressou a Lisboa a sr.ª D. Adelina de Sousa Nunes.

—De Londres e Paris chegou o sr. José Vicente de Carvalho, da casa José Alexandre.

DR.ª LAURINDA ALAMBRE

Consultorio:—R. Garrett, 74, 1.º—3 h. ás 7 1/2—T. 2 0524.

Residencia:—Av. Defensores de Chaves, 163, 2.º.—T. 4.9776.

Vejam todas as grandes artistas....
Mas vão apreciar a criação de
Palmira Bastos
— NO —
TRINDADE
A's 9,45 H.
na adoravel e linda comedia
Mamã Bonita

APOLO Apesar de muito popular, é brilhantissima, completissima de originalidade, de numeros ricos, de quadros formidaveis de fantasia, colossal de piada, de graça e de dinamismo, a revista deste teatro **Pão Saloio** que, com o querido actor-comico-excentrico **OCTAVIO DE MATOS**, no *compère* **Borda de Agua**, todas as noites, as 20,45 e 23 horas, se representa a **Preços Populariissimos**, em todos os lugares do teatro da Rua da Palma.

VARIEDADES
Desde hoje, até Domingo 7
A farsa das duas mil gargalhadas
Desculpa, ó Caetano!
AOS SEGUINTES PREÇOS POPULARES
Poltronas, 9$00 — Cadeiras. 7$00
Balcão, 5$00 — Frizas, 25$00
Camarotes, 30$00 — Geral, 2$50
A's 8.45 e 11 horas

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

A companhia Maria Matos alterou um pouco o itinerario da sua «tournée», por isso que realizando hoje e amanhã os seus ultimos espectaculos em Aveiro, vai no dia 6 a Espinho, ficando reduzidos a dois os espectaculos de Viseu, que se efectuam nos dias 7 e 8, com as comédias «A Bernarda» e «Novos e Velhos».

—Entraram em ensaios no teatro Nacional as peças «Perdoai-nos, Senhor», de Vasco de Mendonça Alves, que se segue no cartaz á «Loucura de Amor», para reaparição da ilustre actriz Lucilia Simões, e «Ferias da Pascoa», de Romain Coolus, que será a segunda peça nova a subir á cena nesta temporada.

—O consul geral da Austria e madame Wimmer oferecem no proximo dia 7, em sua casa, um chá aos artistas da Opera de Viena que vêm cantar ao Coliseu.

—Faz amanhã anos o actor Carlos Santos, professor do nosso Conservatorio de Teatro.

—A cantatriz Maria Repromissa, que usa o nome artistico de «Maria de Portugal», voltou a obter o mesmo exito, em S. Paulo, que, na companhia Beatriz Costa, lograra no Rio de Janeiro.

—As artistas que vão interpretar a peça «Casa del Olvido» são, além de Palmira Bastos, na protagonista, Irene Izidro, Tereza Gomes, Fernanda de Sousa, Humilta de Macedo, Virginia Soler, Maria Guimarães, Zeca Fernandes, Miquelina Rodrigues, Paz Rodrigues, Cezaria Henriques, Beatriz Santos e Julia Gomes.

—O cenografo Reinaldo Martins está já pintando os cenarios para a comédia original de Aura Abranches, «Cinema», cuja estreia deve efectuar-se na proxima semana.

—Seguindo o exemplo dos empresarios do Barreiro, tambem a empresa do Recreio do Povo, em Setubal, pretende levar, este inverno, áquela cidade, as nossas melhores companhias.

—Está marcada para a proxima semana a estreia da peça «O pateta alegre», adaptação da celebre obra espanhola «Los Peliscos».

—Foi mais uma vez posta de parte a idéa de fazer remontar noutro teatro a revista «Balancé», que se estreou no Gimnasio ha meses.

—Atinge este mês o limite de idade, o professor do Conservatorio, actor Antonio Pinheiro.

—Vão iniciar-se, ainda este ano, as obras para a construção, no Jardim Passos Manuel, no Porto, duma nova casa de espectaculos de grande lotação, para teatro, circo e cinema, propriedade duma companhia de seguros daquela cidade.

—Consta que vai repetir-se em Londres, em ocasião oportuna, o espectaculo que recentemente se exibiu em Paris na «Gala Portuguesa».

—Partiu hoje para o Porto o escritor teatral portuense sr. Arnaldo Leite, que teve a amabilidade de nos deixar os seus cumprimentos.

—Por ordem superior foi ordenada, mais uma vez, a proibição da entrada nas «caixas» dos teatros, ás pessoas alheias ao movimento das mesmas.

—O cenografo Baltazar Rodrigues, que esteve bastante doente, já ontem retomou a sua actividade profissional.

—Na proxima segunda-feira, realiza-se no Retiro da Severa uma festa de homenagem aos artistas Mirita Casimiro, Ercilia Costa, Lina Duval, Eugenio Salvador, João da Cruz e maestro Frederico Valerio, que tomaram parte no espectaculo promovido pelo S. P. N., no teatro dos Campos Eliseos, em Paris.

—Inaugurou-se ontem o Alhambra, no Parque Mayer, e obtiveram um grande exito as insinuantes bailarinas Mimi Samaniego e Lucentina.

«O sequestro duma vida», no Odéon e Palacio

O admiravel Vitor Mac Laglen faz o protagonista do filme que ontem nos deram os cinemas Odéon e Palacio, um tipo brutal, de bondoso fundo, mas tão pouco inteligente que um astuto companheiro de presidio, o estranho Peter Lorre, quasi que consegue aproveitar o segredo da sua vida, um sequestro que foi inicialmente cometido por horror á guerra e como castigo para um dos que dela vivem mediante vendas de armas, Walter Conolly, pai da menina sequestrada, que é a linda June Lang. O filme tem interesse, e Vitor Mac Laglen, ainda que reeditando outra sua famosa criação, dá-nos, com sobriedade, emoções de intensidade maxima.

Interesse, incontestavel interesse tem tambem o grande documentario de belesas naturais e de especies animais obtido pelo malogrado explorador Martin Johson e por sua mulher na curiosa ilha de Borneo.—R.

Está a despedir-se a «Bonequinha de Sêda» no Coliseu

Olhe que se não aproveita estas ultimas noites, até domingo, arrisca-se a não vêr, no Coliseu, os maravilhosos filmes que vieram revelar-nos o Brasil: «Bonequinha de Sêda», «Meu Brasil» e «Carnaval no Rio de Janeiro».

Sabado: «matinée»

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ 3.ª semana — **Margarida Gautier** (Dama das Camelias) com **Greta Garbo** e **Robert Taylor** — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172

CENTRAL TEL 24381 — Soiree as 21 e 30 — **Casamento sensacional** com Lilian Harvey, Villy Fritsch e Paul Kemp

ODEON A's 21 e 30 — Telef. 2 6283
PALACIO A's 21 e 30 — Telef. 4 7163
Borneo, a ilha Selvagem
Sequestro duma vida
com Victor Mac Laglen, Walter Connolly e Peter Lorre

CAPITOLIO Tel. 27493 A's 21 — **Maria Papoila**
Flores de Nice

ROYAL Telef. 45037 A's 21 — **Sonata ao luar**
O Veneno Europeu
Variedades e Fados

JARDIM CINEMA A's 21—Tel. 6 3065. — O Castelo na Flandres
A Secretária e os Milhões

TIVOLI — **A grande ilusão** com Jean Gabin, Dita Parlo, Pierre Fresnay e Eric V. Strohem — TELEF. 5 0595

CONDES — **TROIKA** com **Jean Murat, Charles Vanel e Jany Holt** — A's 21 e 30 — TEL. 22523

PARIS Tel. 6 2230 — A's 21 h. — **HORA SUPREMA** com Simone Simon — **O "Az„ dos Mergulhadores**

REX Telef. 2 9656 — A's 21 e 15 — **ROSA MARIA**
ILHA DO TESOURO
Canção Nacional pelos cantadores do Retiro da Severa.

TERRASSE Tel. 3 0917 — **Loyds de Londres**
Reporters rivais

L Y S Telef. 4 8560 — **Lloyds de Londres**
A Lei do dever

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — **Entre duas paixões**

EDITAL
Governo Civil de Lisboa

Artur Leal Lobo da Costa, Tenente-coronel de Infantaria e Governador Civil do Distrito Administrativo de Lisboa:

Faço saber que, no uso da competencia que me confere o n.º 7.º do art.º 79.º do Codigo Administrativo aprovado pelo decreto-lei N.º 27.424, de 31 de Dezembro de 1936, — convoco todos os vogais eleitos para as Juntas de freguesia desta cidade a reunirem-se na proxima 6.ª feira, 5 de Novembro, pelas 17 horas, no Governo Civil de Lisboa, para o efeito da verificação dos poderes dos seus membros, da eleição do presidente, secretario e tesoureiro e dos representantes das respectivas juntas ao Conselho Municipal.

Lisboa, 30 de Outubro de 1937.

O Governador Civil
Artur Leal Lobo da Costa

Café do Coliseu
Concerto
de tarde e á noite

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1,1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

AERO-PORTUGUESA
33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371
HORARIO DE INVERNO
Partidas aos domingos, ás 8 e 15
PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas
Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINÉ PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).
até ás 6 horas da manhã de DOMINGO
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.
Informações: Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

Quem foi á Exposição de Paris não viu lá
uma revista mais graciosa que
O CARTAZ DE LISBOA
E' que esta peça é portuguesa e do
MARIA VITORIA
Todas as noites—**A's 8,45 e 11 H.**

A Preços Populares
Continua no EDEN a grande revista
CHUVA DE MULHERES
2 sessões, ás 20,45 e 23 horas

Poltronas de orquestra.....	9$00
„ de plateia.....	7$00
Balcão de 1.ª ordem	6$00
„ de 2.ª „	4$60
Geral.....	2$50

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Alhambra
CAFE'—BAR—RESTAURANTE
Abriu ontem e foi um autentico triunfo!
Hoje ás 20 horas, serve jantares a preços economicos
Aberto toda a noite
VARIEDADES
Lucentina e Mimi Samaniego
2 formidaveis bailarinas
ENTRADA LIVRE

AVENIDA
Uma peça estranha
Uma obra inedita
Uma novela sedutora
Um espectaculo famoso
É
A MILIONARIA
A's 9 1|2 horas pela companhia de
Adelina - Aura Abranches

A VERDADE DOS FACTOS

O salvamento

do vapor «Terneuzen»

e da traineira "Nossa Senhora dos Navegantes"

foi feito pelo sr. José Vieira

Recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

« *Sr. director.* — Varias noticias referentes a salvamento de navios, recentemente publicadas, obrigam-me a vir pedir-lhe, apenas por amor á verdade, alguns esclarecimentos:

Ha cêrca de quinze anos que me dedico á tarefa de salvar barcos, e tenho uma grande honra em contar no meu activo diversos trabalhos que mereceram elogio unanime dos tecnicos nacionais e estrangeiros, como posso provar. Explica-se, assim, que não deixe ficar sem reparo referencias inexactas a salvamentos de que fui encarregado.

Quero referir-me primeiro ao vapor inglês «Terneuzen» encalhado na costa da Galé:

Em 27 de julho a Agencia Colonial e Comercial encarregou-me, conforme contrato, de assumir a direcção dos trabalhos de salvamento do vapor, empregando todas as diligencias para pôr o mesmo a flutuar e dedicando a esses trabalhos toda a minha «atenção e competencia». Por esse contrato, no caso do navio se salvar, eu receberia determinada importancia; e no caso contrario nada receberia. Coube-me, portanto, não só a direcção, mas toda a responsabilidade dos trabalhos de salvamento.

Saí de Setubal com um plano estabelecido, em companhia de alguns colaboradores. Imediatamente executámos o mesmo plano, que consistia: primeiro, em fazer arriar o navio cêrca de 7 pés; depois, em formar-lhe um peão a meio e desandá-lo sôbre esse peão, visto que não havia agua suficiente para flutuar (nessa altura o navio só tinha três pés de agua á ré e quatro e meio á prôa)

Prossegui nos meus trabalhos, com draga e trabalhadores manuais, até que consegui pôr o barco de prôa ao mar. Quando ele se encontrava nesta posição, resolvi requisitar um rebocador que me foi servido pelo armador: o «Cabo Espichel», comandado pelo sr. Luiz Spencer, que deu um esticão que, com o auxilio das maquinas do «Terneuzen», safou este do local em que se encontrava.

Logo a seguir, foi o reboque abandonado, por desnecessario, e o vapor foi, pelos seus proprios meios, para Setubal, onde ancorou ás quatro horas da manhã.

Acompanharam-me nestes trabalhos o sr. comandante Loura, o maquinista Antonio Miguel Moreira, encarregado da dragagem, e o comandante Batata que, apesar da sua avançada idade, prestou um valioso auxilio; mas todos os serviços para o salvamento do navio foram dirigidos unicamente por mim.

A Agencia Colonial e Comercial escreveu-me nestes termos, que muito me honram:

«Pela nossa carta de 27 de julho passado, contratámos com v. s.ª a direcção dos trabalhos de salvamento do vapor «Terneuzen» e não podemos deixar de lhe manifestar a nossa inteira satisfação pela forma como v. s.ª se desempenhou dêsse encargo».

Quanto á traineira «Nossa Senhora dos Navegantes», publicou o «Diario de Noticias»:

«O sr. engenheiro E. Leite, chefe dos Serviços da Exploração da Administração Geral do Porto de Lisboa, escreve-nos, devidamente autorizado pelo sr. administrador geral, esclarecendo que o sr. José Vieira, de Setubal, ao contrario do que se noticiou, apenas encarregou o Porto de Lisboa de tentar o salvamento da traineira «N. S. dos Navegantes», tendo os trabalhos de salvamento sido exclusivamente dirigidos pelo Chefe dos Serviços Maritimos daquela Administração, sr. comandante Luiz Vaz Spencer.»

Ora o que se passou foi o seguinte:

Fui encarregado pela respectiva companhia de seguros, com a qual firmei o devido contrato, de salvar a referida traineira, encalhada nos recifes de Cascais.

Depois do exame ao navio e ao local em que ele se encontrava, vi que era facil levar lá a cabrea «Augusto de Aguiar». Fui falar á Administração do Porto de Lisboa, para a requisitar, entendendo-me, para tal, com o sr. comandante Spencer, com quem combinei dia e hora para a cábrea estar no local do encalhe.

Ao contrario do que veio publicado, todos os trabalhos de fundagem debaixo de agua, lingagem, desprendimento de toda a palamenta— que estava ligada ás pedras, visto o navio ter 45 graus de inclinação e haver despejado para o mar todo o material—foram feitos por mim e pelo meu pessoal, tendo sido nós quem engatou o navio á cábrea e eu quem, de bordo da traineira, mandou virar o aparelho, pois para nenhum trabalho no barco naufragado embarcou ou foi requisitado qualquer funcionario da Administração do Porto de Lisboa.

A cábrea chegou ao pé da traineira ás 15 e 30, e ás 15 e 45 suspendia o seu ferro, já com o serviço feito, e retirava para Lisboa.

De v., etc.—*José Vieira.*

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Salamanca liga grande importancia

á resolução tomada pelo gabinete britanico

LONDRES, 4.—O «Times» publica um artigo do seu enviado especial a Salamanca sôbre as disposições que tomará, ao que se crê, o governo britanico para estabelecer relações regulares com as autoridades de Salamanca. Sangroniz, chefe do gabinete diplomatico de Franco esteve há muito tempo em contacto com o embaixador britanico em Hendaia a tal respeito-- escreve aquele correspondente. Depois insiste no facto de que a nomeação de agentes com poderes consulares e diplomaticos não importa nem o reconhecimento «de jure» nem mesmo propriamente de facto. Concluiu dizendo: «Os meios oficiais de Salamanca ligam grande importancia a esta decisão da Grã-Bretanha, calculando que muitos outros paises estavam á espera que a Inglaterra desse o exemplo. As recentes vitorias nas Asturias deram a impressão que a vitoria final nacionalista está virtualmente garantida».

A-pesar das precauções com o fim de limitar o alcance da anunciada decisão, a Imprensa trabalhista insurge-se. O «Daily Herald» num grande titulo escreve: «O gabinete decidiu reconhecer Franco» e o seu redactor diplomatico especifica que os ministros decidiram assim que Franco deve ganhar a guerra». Acrescenta que o duque de Alba, que será o agente oficial de Franco em Londres, estava já reconhecido oficiosamente e por exemplo passava as fronteiras sem que a bagagem fôsse verificada. Depois assegura que o duque de Alba chegou a persuadir o governo britanico de que o reconhecimento de Franco pela Grã-Bretanha, obtida devido a ele, reforçaria consideravelmente o partido monarquico espanhol á custa do partido fascista». No seu editorial, o «Daily Herald» acusa o governo britanico dum «crime monstruoso e dum enorme penhor».—(Havas).

Comentarios franceses

PARIS, 4. — O «Petit Parisien» escreve: «E' inexacto o boato do reconhecimento de Franco pela Inglaterra» e acrescenta: «No entanto Eden não ocultou a Yvon Delbos que o governo britanico e a opinião inglesa entendem ser util ter relações mais continuas com o governo nacionalista espanhol. E', por consequencia, certo que brevemente serão enviadas para Salamanca personalidades britanicas bastante categorizadas, entre as quais um representante diplomatico, a-fim de desenvolver a acção diplomatica da Inglaterra junto de Franco».

O «Populaire» diz: «Imaginando que os rebeldes poderão vencer, o governo britanico tenta agradar-lhes. Esta cegueira evidentemente não é de molde a tornar mais facil a posição do governo francês».

O «Excelsior» escreve: «Colocando-se Londres na posição de preparar a mediação e apaziguamento em Espanha, não teria Paris igual interesse em imitá-la, que mais não fôsse para efectuar o alinhamento da frente franco-britanica? Valencia, cuja situação militar não é muito brilhante, veria provavelmente o minimo de inconvenientes na nomeação dum representante francês, que equilibrasse a influencia do representante britanico em Salamanca. Os governamentais poderiam tirar a primeira vantagem na troca de prisioneiros e asilados que muito os preocupam desde as vitorias nacionalistas nas Asturias e Santander. Por outro lado seria prudente não esquecer que os interesses franceses ascendem a biliões nas provincias espanholas submetidas ao governo.—(Havas).

A resposta da Nicaragua ao convite de Cuba para a mediação em Espanha

MANAGUA, 4.—O governo respondeu ontem ao convite de Cuba no sentido de se conseguir a paz para a Espanha. A Nicaragua está disposta a considerar qualquer formula tendente a acabar com a guerra em Espanha sempre que a referida formula seja compativel com o reconhecimento de Franco pela Nicaragua e recebe a adesão unanime dos paises do continente americano. A resposta do governo da Nicaragua termina expressando os agradecimentos pelo convite que lhe dirigiram e faz votos por que finalize a tragedia espanhola.—(Havas).

Refugiados espanhois em Gibraltar

GIBRALTAR, 4.—Nos ultimos quinze dias chegaram a Gibraltar a bordo de embarcações a remos, mais de 600 espanhois fugidos de Algeciras. Conseguiram escapar-se devido á cumplicidade comprada de soldados insurrectos. Soube-se agora que foi descoberta uma conspiração e que se prenderam 60 guardas civis, guarda-costas e carabineiros .A vigilancia nas costas foi reforçada.—(Havas).

As operações militares

O comunicado do Ministerio da Defesa Nacional de Barcelona diz:

Exercito do Centro — as tropas republicanas procederam a reconhecimentos no sector de Guadalajara sem encontrar o inimigo e no sector de El Pardo, nos arredores de Arroyo e Palacios, onde encontraram armas e material telefonico.

Frente do Sul — o inimigo bombardeou Valsequillo e Granjuela.

Frente do Levante — ligeira fuzilarias em diversos sectores.

Frente de Leste — os nacionalistas começaram o avanço na zona de Fuentes de Ebro para ocupar as posições que, devido ao mau tempo, foram obrigados a abandonar. Entre Casa Matilla e Casa Beselga houve intensa fuzilaria, assim como em Portillada e Campo Oliva.

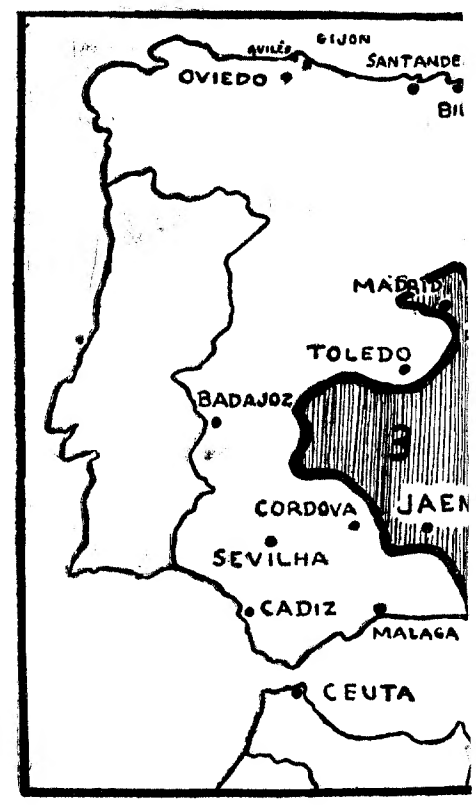
FOI ENTREGUE AO NOSSO GOVERNO

uma bandeira portuguesa abandonada em Ferme du Bois

O general alemão Kuhllenthal, adido militar em Lisboa, entregou esta tarde, ao sr. dr. Oliveira Salazar, na sua qualidade de ministro da Guerra, uma bandeira portuguesa encontrada durante a batalha de 9 de abril.

O general Kuhllenthal foi apresentado ao sr. dr. Oliveira Salazar pelo ministro da Alemanha, sr. barão von-Hoyningen-Huene.

A referida bandeira estava num abrigo em Ferme du Bois, onde, depois da terrivel batalha, foi achada, junto de diversos corpos de militares portugueses e alemães. Foi, durante muito tempo, guardada particularmente por quem a encontrou. E, logo que o governo alemão teve conhecimento da sua existencia, tomou posse dela, para a oferecer ao governo português.



A parte tracejada representa a zona vermelha terranea; 2 — Zona da ofensiva para env Benito; 4 — R

CRONICA MILITAR

Das quatro hipotese de ofensiva que ha tempos apresentámos, duas referem-se á frente chamada de Aragão, uma á de Madrid e outra ao saliente vermelho de Don Benito.

Dissemos então que, ao findar a campanha das Asturias, o generalissimo Franco disporia duma nova massa de manobra de mais de cem mil homens experimentados, aguerridos e entusiastas. Onde iria aplicá-la?

A partir de Jaca e arredores, ao longo da fronteira francesa para separar a Catalunha da França e cortar o abastecimento terrestre dos moscovitas?

A partir de Teruel e cercanias, sobre a costa mediterranica, ameaçando Valencia ou Castellon, para dividir a zona vermelha em duas partes, liquidaveis *sucessivamente?*

Entre Teruel e Guadalajara pelo norte de Madrid, e o Jarama a sudeste, para fechar a bolsa madrilena?

Entre Toledo e Miajadas, pelo norte do sector de Don Benito, em combinação com as forças de Queipo de Llano, de maneira a rectificar a frente, numa grande extensão, desde a Cidade Imperial até Motril, passando por Ciudad Real e Jaen?

Cada uma destas operações tem suas vantagens e inconvenientes: o avanço na vertente sul dos Pirineus deveria exercer-se em terreno dificil. O corte em direcção ao Mediterraneo obrigava ao estabelecimento de duas linhas, costas com costas e só seria viavel para uma largura do corredor superior a 30 ou 40 quilometros, de forma a assegurar comunicações e a impedir, em todo e qualquer ponto, o corte que os vermelhos, se ainda lhes restassem energias, não deixariam de tentar.

O envolvimento total de Madrid, realizado de perto, ou, mais provavelmente de largo, *representaria a queda da ex-capital e o golpe moral mais profundo que os vermelhos poderiam sofrer quer sob o ponto de vista puramente espanhol, quer em relação á opinião estrangeira.*

Abalaria, definitivamente, a capacidade combativa dos milicianos marxistas porque corresponderia ao aniquilamento do unico centro onde a resistencia moscovita conseguiu firmar-se. A defesa de Madrid tem sido o melhor amparo espiritual dos combatentes vermelhos. Foi ela que lhes deu a esperança, se não da vitoria, pelo menos da possibilidade de resistirem ás ofensivas nacionalistas. Sem ela, já ha um ano teriamos assistido á derrocada total da zona marxista.

Mas as linhas defensivas de Madrid estão solidamente fortificadas, o mesmo sucedendo ás de Guadalajara e Jarama.

Suponhamos, porém, uma operação que se fizesse de Toledo e Jarama, apoiando o flanco direito no Tejo, em direcção ao norte. Suponhamos, em conjugação, outra ofensiva partida da serra de Albarracin sobre Cuenca, para realizar o fecho do cêrco. Qualquer delas farnos-ia regressar á guerra de movimento e não teria que romper grandes linhas de defesa preparadas de antemão.

Quanto ao saliente de Don Benito, o mercurio de Almaden, o azeite de Jaen e as riquezas mineiras dessa zona seriam bastantes para justificar a acção ofensiva.

No entanto, ha que aduzir, em relação a este sector, o mesmo que pode dizer-se em relação aos restantes. Os nacionalistas passaram a dis-

ARCADIA
HOJE — 2 - ORQUESTRAS - 2
BALLET LASTING
Quatro estrelas do cinema hungaro
Ballet Rocking
As grandes interpretes do sapateado *yankee*
Formidavel conjunto de artistas espanholas — A célebre orquestra TRINSHER, nos seus repertorios de JAZZ e CONCERTO — e ORQUESTRA PORTUENSE — Experimente V. Ex.ª o JANTAR CONCERTO de HOJE — a 15$00 esc., entrada incluida, dando-lhe a oportunidade de assistir ao maior programa de VARIEDADES apresentado em Lisboa.

MAXIM'S
Hoje: GRANDE FESTA DA ROSA BRANCA
Modernas decorações de LIMA - HERNANI
2 Orquestras — 12 Artistas de Variedades — FLORES — MUSICA — ALEGRIA — PREMIOS
DESLUMBRANTES EFEITOS DE LUZ
NOTA: A Direcção do Maxim's mantém nesta interessante festa o preço de Esc. 7$50 por entrada para os seus associados.

. 1 — Hipotese da ofensiva sobre a costa medi-
lvimento de Madrid; 3 — Saliente de Don
gião dos Pirineus.

pôr de grande superioridade numerica. Portanto, convem-lhes a extensão das frentes *porque obriga os vermelhos a diluirem a defesa, o que evidentemente os divide e enfraquece. Por isso não acreditamos na realização de operações, de iniciativa nacionalista, cujo objectivo ou cuja consequencia sejam reduções das frentes.*

Pelo contrario, do lado marxista, são de prever retiradas estrategicas destinadas a rectificações que economizem efectivos.

* * *

Toda a gente fala nas proximas operações de Aragão.

Todos os correspondentes das agencias estrangeiras as citam.

O governo marxista, ao retirar de Valencia para Barcelona, mostrou acreditar que o esforço principal dos nacionalistas se exerceria nessa região.

Mas quem nos diz que a grande ofensiva anunciada obedecerá a qualquer das quatro hipoteses que pusémos? Quem nos diz que não será a combinação da primeira e da segunda com a terceira? *Quem nos diz que, para acudirem a Aragão e Madrid, os vermelhos não serão forçados a evacuar o saliente de Don Benito, o que daria lugar á execução simultanea das quatro hipoteses?*

O exercito nacionalista dispõe actualmente de meios de transporte rapidos que lhe permitirão actuar, dum dia para o outro, na zona onde o inimigo menos o espere.

Por consequencia o facto de se registarem concentrações de forças em determinados pontos não significa que o ataque vá dar-se precisamente nas proximidades. O primeiro cuidado dum chefe militar é não revelar, nem a amigos nem a inimigos, as suas intenções reais.

Permitir-se a divulgação de preparativos pode ser o meio de criar ilusões ao adversario.

Por nossa parte, estamos convencidos que a surpreza dos vermelhos vai ser muito mais completa do que eles julgam.

Que dias de ansiedade estão vivendo!

JORGE BOTELHO MONIZ

UM PROBLEMA QUE SE DEBATE

A União Hoteleira de Portugal pensa

que a gorgeta deve ser abolida

e substituida, em regime provisorio, por uma taxa unica de 10 por cento

Antes da sua partida para Ponta Delgada, a bordo do «Vulcania», quisemos ouvir o sr. Guilherme Cardim, presidente da União Hoteleira de Portugal, na sua qualidade de director da Estoril-Plage, acêrca do momentoso problema da conservação da gorgeta ou da sua abolição. Explica esse nosso desejo o facto de sabermos que foi aquele nosso amigo o relator do parecer sôbre o projecto apresentado pelo Sindicato Nacional dos Profissionais na Industria Hoteleira e Similares—parecer que foi entregue ao subsecretario das Corporações e Previdencia Social:

—Já em julho do ano passado—começou o sr. Guilherme Cardim—a União Hoteleira, agremiação corporativa que representa os proprietarios de hoteis, cafés, restaurantes, pensões e estabelecimentos similares, definira o seu pensamento acêrca do assunto, num oficio-relatorio enviado ao Conselho Nacional de Turismo, em resposta ás preguntas do mesmo que promovera em abril uma conferencia hoteleira.

—Qual foi, em resumo, essa resposta?

—Que devia ser abolida a gorgeta nos hoteis do distrito de Lisboa, nos das cidades do Porto e Coimbra e nos das praias e termas, ficando facultativa nas restantes terras do pais; que a taxa de serviço a estabelecer devia ser constituida pela percentagem de 10 % sôbre a conta dos hospedes, exceptuando a importancia dos desembolsos efectuados pelo hoteleiro de conta do hospede e as despesas pelo mesmo efectuadas com telefone e correio e outras do mesmo genero; que a forma de distribuição da referida percentagem devia ser estabelecida por uma comissão constituida por representantes dos hoteleiros e dos empregados, presidida por um delegado do Instituto Nacional do Trabalho. Sugeriamos ainda que a percentagem—e entendemos—que a verdadeira solução do assunto reside na fixação de vencimentos ao pessoal, condicionados á equitativa remuneração do trabalho de cada um, como já acontece com a maioria do pessoal que trabalha nos hoteis.

—Agora, o problema entrou numa nova fase...

—Recebemos um oficio do Instituto Nacional do Trabalho e Previdencia, pedindo-nos o estudo do projecto apresentado pelo Sindicato Nacional respectivo, sôbre a abolição da gorgeta, para se lhe dar «uma solução urgente que possa, sem ferir os interesses do patronato, dar uma situação digna áqueles que trabalham». E, perfeitamente de acôrdo com estes termos do oficio do Instituto, analisámos o projecto, base por base.

—Pode dar-me uma sintese do seu parecer?

—Concordámos com a proposta de substituição da gorgeta por uma taxa de serviço, no distrito de Lisboa, nas cidades do Porto, Coimbra, Braga e Evora, nas praias e termas e nas zonas de turismo devidamente classificadas continuando a manter-se facultativa nas restantes terras do pais. O momento de crise comercial e industrial que a situação na vizinha Espanha infelizmente nos impôs, e o facto de se tratar duma mudança repentina de costumes aconselham, não só que apenas se imponha a taxa de serviço áquelas terras, mas que a referida taxa a cobrar seja uma unica de 10 % para todos os ramos de negocio e por determinado periodo, até que a experiencia e mais tarde um perfeito estudo determinem quais as modificações a fazer. Entendemos que devem ser abrangidos tambem os corretores, governantes, «chasseurs» e «grooms»; que a taxa de serviço incluida na factura da despesa do cliente, só será recebida pelo pessoal depois de cobrada a respectiva conta e que a mesma taxa de serviço não incidirá sôbre a importancia dos desembolsos de conta dos clientes, nem tão pouco sôbre as despesas com telefones, correio e semelhantes; que, quanto a hoteis e pensões, a taxa de serviço deve ser repartida semanalmente pelos chefes de secção que procederão á distribuição pelo pessoal sob as suas ordens, segundo a relação devidamente somada que no mesmo acto lhes é entregue e da qual constarao os numeros dos quartos dos clientes, as importancias cobradas e a sua repartição conforme as proporções estabelecidas; que, quanto a cafés, restaurantes, cervejarias e bares, o pagamento da taxa deve ser feito individualmente a cada empregado no fim dos periodos de trabalho e no momento em que ele presta contas ao patrão das vendas efectuadas durante esse periodo, as quais serão sempre controladas pelos totalizadores das caixas registadoras; que nos hoteis em que os serviços sejam feitos por diaria completa, a divisão deve ser feita assim: pessoal de mesa 45 %, dos andares 25 %, e da porta 30 %; que nos estabelecimentos que se destinem apenas ao aluguer de quartos, e nos cafés, cervejarias, leitarias, esplanadas e demais estabelecimentos com serviço de bandeja, a divisão seja assim feita: pessoal de mesa 95 %; de porta 5 %; que, se se reconhecer a necessidade de uma remuneração especial para os serviços externos dos corretores e «chasseurs» sejam estudadas as necessarias tabelas que regularão o seu pagamento, segundo a natureza dos serviços e a sua duração.

—E é previsto o caso do cliente insistir em dar gorgeta, além de pagar a taxa de serviço?

—Propusemos para a respectiva base a seguinte redacção: «As importancias recebidas como gorgeta que os clientes insistam em dar depois de serem esclarecidos de que aquela foi abolida, serão entregues á direcção ou á gerencia do estabelecimento, com destino ao Fundo de Previdencia do Sindicato dos Profissionais na Industria Hoteleira respectivo. Os empregados que deixem de entregar tais importancias, conforme estabelecido nesta base, ficam sujeitos ás mesmas penalidades fixadas na base 10.ª, desde que se faça prova do facto».

—E quais são essas penalidades?

—Da primeira vez, propusemos a perda de 25 % do total da percentagem que lhe couber durante um mês; da segunda vez, a perda de 35 %; da terceira vez de 50 %; e da quarta a perda de toda a importancia que lhe competir num mês e interdição de trabalhar nos lugares da industria remunerados pela taxa de serviço. O Sindicato propunha a prisão dos que assim procedessem, mas nós entendemos que este castigo chega.

A CIDADE DOS RUIDOS

Vão acabar os abusos

que se cometiam

com os aparelhos de telefonia

Lisboa deve ser a capital mais barulhenta da Europa. Contribui para isso uma série de ruidos inuteis que se podiam evitar sem prejuizo para ninguem e com vantagem para a tranquilidade da população.

O escape livre nas molocicletas, as buzinas dos automoveis, a campainha impertinente dos «electricos», o abuso dos aparelhos de telefonia, certos pregões importunos e outros ruidos que não se justificam podiam muito bem suprimir-se ou atenuar-se na medida do possivel, como se faz em todas as capitais da Europa.

Em Roma, por exemplo, os automoveis não buzinam. E nem por isso aumentam os desastres de viação. Em Paris, em Londres, em Berlim, o «chauffeur» só se serve da buzina em caso extremo. Os transeuntes dispensam o alarme, que muitas vezes dá origem a um desastre em vez de o evitar, pela atrapalhação que provoca.

Entre nós, o maior abuso, no capitulo ruidos, é cometido por certos possuidores de aparelhos de telefonia que sem o menor respeito pela tranquilidade dos outros elevam o registo do som a uma altura insuportavel para a vizinhança.

Felizmente que a Camara Municipal acaba de tomar providencias nêsse sentido. Resta apenas que o sr. governador civil, que está tambem empenhado nesta campanha benefica, faça cumprir a postura que foi aprovada na sessão de hoje do Municipio, por proposta do seu presidente, sr. general Daniel de Sousa.

«Considerando que o funcionamento, sem restrições, de aparelhos de telefonia sem fios, ou gramofones, se está tornando, em certos locais, muito incomodo para a população, em virtude de abusos cometidos, em especial por algumas casas de venda de vinho a retalho, onde os referidos aparelhos estão graduados além do limite razoavel de intensidade sonora, e, enquanto a Camara não regula as medidas a adoptar em conjunto na campanha do silencio a iniciar em Lisboa, proponho que seja proibido, nas casas particulares e estabelecimentos comerciais e industriais o funcionamento de aparelhos de T. S. F. e gramofones com intensidade de som susceptivel de prejudicar a vizinhança e transeuntes. A infracção desta disposição implica a multa de cem escudos, acrescidos de um terço por cada reincidencia.

Teatro Nacional
HOJE, ás 21 e 30
LOUCURA DE AMOR
(Joana a louca)
com **AMELIA REY COLAÇO** na protagonista

Retiro da Severa (Cine-Rex)
Rua da Palma
Arminda Vidal
Alberto Costa
Jacinto Pereira
ENTRADA FRANCA

RETIRO DA SEVERA
Maria Emilia Ferreira, Maria do Carmo Torres, Jesuina de Melo e Alfredo Duarte (Manceneiro). 2.ª feira, 8—Festa de homenagem aos artistas que foram á Exposição de Paris
RESERVAM-SE MESAS

Antigo Solar da Alegria
P. Alegria, 56—Tel. 2 4290
HOJE
Rosa Maria, Lucilia do Carmo, Manuel Calixto, Alberto Ribeiro, «Tita» e Manuel Aleixo
Esmerado serviço de restaurante

O CAMBIO

(Continuação da 1.ª pagina)

para um país em relação a outro país, conforme a soma dos creditos do primeiro sobre o segundo excede ou não a soma dos seus debitos.

Constituirá esta teoria, que alguns submetem ao factor psicologico, atribuindo o valor á moeda conforme o que se espera dela no futuro, e que é a geralmente aceita, a verdadeira solução?

Já não podemos responder hoje. Entretanto, vamos prevenindo que as teorias economicas transcendentais, como a do valor da moeda, a da inconvertibilidade das notas, a da interpretação do cambio, etc., encontram o seu fundamento numa explicação banal e, por isso mesmo, despresada. Mas a roupagem tecnica com que as enfeitam torna-as quasi sibilinas, o que tantó pode revelar um vicio de educação como a marca comercial dum produto.

Todos conhecem o velho advogado provinciano, raposão, que, logo de entrada, inquiria dos clientes: «—Quere o conselho pelo livro grande ou pelo livro pequeno?» E esportulava-se na conformidade.

DIAS FERREIRA

BOLSA DE LISBOA

4 de novembro

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3|4 1936 s|j	959$00	958$50	960$00
» 4 0|0 1934 ..	993$00	993$00	994$50
Emprestimo 4 1|2 0|0 1912	—	2.205$00	—
Consolidado 4 1|2 0|0 1933	—	1.030$00	1.035$00
» 4 3|4 1934 ..	1.159$00	1.158$00	—
» 5 1|2 0|0 1933	1.066$00	1.065$00	1.067$00
Externo 3 0|0 1.ª Série ..	1.730$00	1.731$00	1.735$00
» 3 0|0 2.ª » ..	—	—	—
» 3 0|0 3.ª » ..	1.736$00	1.736$00	1.738$00
Cautelas s|juro 3.ª Série	—	150$00	161$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	509$00	508$00	509$00
Espirito Santo port.	—	765$00	—
Lisboa & Açores, port..	372$00	—	—
Portugal, portador.....	1.125$00	1.122$00	1.128$00
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade.....	—	17.500$0	—
Mundial	—	243$00	250$00
Nacional	—	—	770$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
» » privilegiadas	14$00	13$50	14$50
Aguas de Lisboa, port..	—	—	275$00
» » ass. 1934	—	—	—
» » ass. 1936	—	—	148$00
Credito Predial	16$50	16$30	16$50
Gaz e Electricidade.....	311$50	311$50	312$00
Portugal e Colonias.....	85$90	85$80	86$00
Navegação	101$00	104$00	105$00
Portuguesa de Pesca....	—	266$00	270$00
» de Tabacos.	402$50	—	402$50
Tabacos de Portugal....	365$00	364$00	365$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	175$00	178$00
COLONIAIS			
Açucar de Angola.....	378$50	378$00	380$00
Busi— 1.ª Emissão	—	47$50	48$50
» — 2.ª	—	—	47$50
Ilha do Principe	431$50	431$00	445$00
Obrigações			
C. P. 6 0|0	227$00	226$00	—
Prediais 6 0|0 — 1932 1.ª S	—	—	90$00
» 7 0|0	102$50	102$00	102$50
União Elect. Port. 6 1|2 0|0	—	—	—
» » » 5 0|0 ...	—	104$00	106$00
Busi 9 0|0.....	113$50	113$00	115$00
» 6 1|2 0|0.....	—	117$00	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Comora	Vendas
Londres.....	110$00	110$20
Paris	$74,7	$74,9
Madrid	1$39,2	1$39,4
New-York	22$11,0	22$15,0
Zurich.....	5$11,1	5$12,1
Roma	1$16,3	1$16.5
Bruxelas	3$75,1	3$75,7
Amsterdam	12$22,3	12$24,5
Berlim	8$90,1	8$91,8
Praga.....	$77,4	$77,6
Rio de Janeiro.....	1$23,2	1$23,4
Libra ou	—	—

Congresso Medico Nacional

dos desastres do trabalho

Reune-se amanhã, pelas 22 horas, no Gremio dos Seguradores, rua Augusta, 118, 2.º E., a comissão central do I Congresso Medico Nacional dos Desastres do Trabalho.

A preparação deste congresso tem merecido da respectiva comissão uma grande atenção e notavel esforço não só pela acuidade e actualidade dos problemas postos pelos congressistas, mas tambem por se tratar do I Congresso Português desta natureza.

As instancias superiores, e em especial, o sr. sub-secretario do Estado das Corporações e da Prevdiencia Social dispensaram o melhor acolhimento e forneceram uteis elementos ás respectivas comissões.

A aproximação da data do congresso tem forçado a comissão executiva a insistir com aqueles congressistas que ainda não enviaram os seus trabalhos.

T. S. F.

Philips modelo 1938
Philips » 1937
R. C. A. » 1938

VENDAS A PRESTAÇÕES

Outras marcas desde 200$, 300$, 400$, 500$ e 600$. Rua D. Pedro V, 3 e 9. Lisboa
Telef. 2 6845

Alves de Carvalho

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

A Escola Comercial e Industrial

A Figueira vai ficar com a melhor escola Comercial e Industrial do país.

Dotada com instalações que possuem todos os requisitos da higiene, no magnifico edificio prestes a concluir-se, foram tambem rigorosamente estudadas as exigencias didaticas.

O projecto inicial é da autoria do arquitecto sr. Edmundo Tavares, tendo ha quatro anos o engenehiro sr. Almeida e Brito feito outro traçado de adaptação.

Pode mesmo dizer-se que a escola está pronta, devendo começar a funcionar dentro de dois meses, apenas lhe faltando pouco mais do que o mobiliario.

As oficinas estavam criadas no projecto do sr. Tavares, nas caves do edificio; quando o sr. engenheiro Almeida e Brito fez o projecto de adaptação resolveu que ficassem num pavilhão isolado que vai ser construido para esse fim. E pensou bem. Concordamos com essa alteração. Desde que ha espaço em abundancia, seria muito lastimavel criar oficinas dentro duma cave que, embora seja espaçosa, teria que ser, necessariamente, iluminada com deficiencia, e até pouco confortavel, devendo ser fria, principalmente no inverno.

CARLOS SOMBRIO

Grupo corai-sacro

O museu Municipal Santos Rocha vai ter, ao que nos consta, condignas instalações. A Camara pensa adquirir um predio onde exponha, em melhor condições, as preciosas colecções que o museu local possui.

Novas instalações para o Museu

Fundou-se nesta cidade um grupo de canto coral-sacro. Dele fazem parte alguns dos mais prestimosos elementos musicais da Figueira, cooperando tambem alunos de varios colegios desta cidade.

A sua estreia está marcada para o proximo domingo, ás 10 horas, numa festividade que se realiza na igreja da Ordem Terceira.

Conferencia

No novo edificio adquirido para as obras sociais catolicas da Figueira, realizou uma conferencia sobre um tema social, a sr.ª D. Laura da Cunha Matos.

Foi muito aplaudida, tendo ainda usado da palavra a sr.ª D. Maria de Lourdes Lino Gaspar.

A conferencia foi presidida pelo sr. padre Lourenço Palrinhos.

Associação de Socorros Mutuos

dos Empregados no Comercio e Industria

Passa amanhã o 83.º aniversario da benemerita Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio e Industria, que têm a sua sede na rua da Palma.

A' custa de muitos esforços bem conjugados, conseguiram os seus associados criar e manter uma das mais belas obras do mutualismo português.

Sabemos que a sua actual direcção está empenhada em pôr em pratica uma nova modalidade de assistencia medico-cirurgica para as familias dos socios.

Jerónimo Pereira Mendes & C.ia

Especialistas de sementes de hortaliças, flores e pastos

Rua dos Correeiros, 277 a 281

Lisboa

Pedem aos seus Ex.mos Freguezes que ainda não tenham recebido o catálogo deste ano publicado em 1 de Fevereiro, o favor de o requisitarem

Ennor, L.da

Transportes por domicilio a

Sucessor

camionagem domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Empresas do País

PORTO
Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)
Telefone 6102

LISBOA
Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcantara)
Telefone 2 4792

DESPORTOS

LUTA

Al. Pereira em Paris

Alfredo Pereira, o campeão europeu de «catch-as-catch-can» e um dos maiores lutadores do mundo da especialidade, que abandonou Lisboa sem saudades... em virtude de determinados factos em que se viu envolvido, está novamente a combater em Paris, sendo as suas lutas apreciadas com um grande entusiasmo.

Perceira, português e que se diz sempre português, tem sido oposto aos maiores «catcheurs» do mundo, revelando uma superioridade evidente.

O seu ultimo combate foi contra Henri Déglane, resultando uma grande luta, durante a qual o português mais uma vez confirmou as suas excepcionais qualidades.

AUTOMOBILISMO

IV Rampa do Cabo da Roca

Sob a organização do Automovel Club de Portugal disputa-se no proximo domingo a «IV Rampa do Cabo da Roca», em automobilismo, que fecha a actual temporada da especialidade.

Os premios constam duma taça e de 500$00 para o primeiro classificado de cada grupo, desde que alinhem, pelo menos, dois carros á partida.

A distribuição dos premios disputa-se, após a «Rampa», no Casino do Estoril, á hora do chá.

A prova será muito concorrida, em virtude de se tratar dum genero de competição que põe á prova as qualidades dos carros e as possibilidades dos concorrentes.

O "castigo" do cancro

A primeira pagina do «Sempre Fixe» de hoje é uma interessante «charge» de Francisco Valença á obra anti-cancerosa realizada pelo ilustre professor Francisco Gentil.

Amarelhe publica três caricaturas excelentes e Stuart Carvalhais dois dos seus caracteristicos desenhos.

A pagina «Ecos da Semana», de Botelho, e trabalhos de Vera e Soutto completam a parte grafica deste numero do «Fixe», que insere valiosa e engraçadissima colaboração em prosa e verso.

DE LUTO

Capitão Ramiro José de Almeida Sande

Faleceu o sr. capitão de engenharia Ramiro José de Almeida Sande, de 45 anos, natural de Moura, casado com a sr.ª D. Maria Isabel Pereira de Almeida Sande e irmão dos srs. José Maria de Almeida Sande e Francisco Manuel Almeida Sande. O seu funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas, da sua residencia, avenida 5 de Outubro, 317, 2.º para jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

Funerais e Trasladações

AGENCIA ALVES

44 — Rua Nova da Trindade
Telefone 2 7523
113 — Avenida Almirante Reis
Telefone 4 1602

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Loucura de Amor».
Apolo—A's 20 e 45 e ás 23—«Pão Salobio».
Avenida—A's 21 e 30—«A Milionaria»
Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23—«O Cartaz de Lisboa».
Trindade—A's 21 e 45—«Mamã bonita»
Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«Desculpa, ó Caetano!».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Cine-Belgica—Rua da Beneficencia. A's terças, quintas e domingos.
Coliseu—A's 21 e 15—«Bonequinha de Seda».
Condes—A's 21 e 30.
Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.
Lys—A's 21 e 15.
Odéon—As 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Pavilhão Português—A's 21.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

O capitão-engenheiro

Ramiro José d'Almeida Sande

FALECEU

R. I. P.

Maria Isabel Pereira de Almeida Sande e seus filhos, José Maria de Almeida Sande, Francisco Manuel de Almeida Sande, Vitoria Julia Sande Peters Cunha seu marido e filho, Manuel Jorge de Almeida Sande e sua mulher, Ana Pereira Matias e seu marido, e mais familia, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações que foi Deus servido de chamar á Sua Divina Presença, o seu muito querido e saudoso marido, pai, irmão, cunhado, tio e genro, realizando-se o seu funeral, sexta-feira, 5, pelas 15 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, Avenida Cinco de Outubro, 317-2.º, para jazigo no cemiterio do Alto de S. João. Devido ao estado de consternação de toda a familia, não se fazem convites especiais.

P. N. A. M.

Agencia Mega

Fabrica de Polvoras Fisicas e Artificiais

Barcarena

Ramiro de Almeida Sande

Capitão de Artelharia

FALECEU

A Direcção, Oficiais e mais pessoal deste estabelecimento cumprem o doloroso dever de participar a todos os camaradas e amigos o falecimento do engenheiro de secção desta fabrica, capitão de artelharia Ramiro de Almeida Sande e que o seu funeral se realiza, amanhã, 5, pelas 15 horas, saindo o prestito funebre da Av. 5 de Outubro, 317-2.º, para o cemiterio Oriental.

SATURIO PAIVA
Da Escola Dentaria de Paris
RETOMOU A CLINICA
Doenças da bôca e dos dentes—Prothese —Orthodoncia
R. Santa Justa, 60-2.º
Telef. 2 4300

ESTRANGEIRO

CAMPOS & C.ª
Vila Nova de Gaia
— os melhores —
VINHOS DO PORTO

NOTICIAS DO BRASIL

A luta anti-comunista

RIO DE JANEIRO, 4.—Criou-se a Associação de Defesa Social Brasileira, que tem a sua sede no Itamaraty e se destina a cooperar com o governo na defesa da sociedade, contra as ameaças comunistas. A nova colectividade tem recebido adesões de pessoas de todas as classes sociais.—(Americana).

Homenagem a Getulio Vargas

RIO DE JANEIRO, 4.—Por iniciativa da Liga Naval Brasileira, realizou-se uma grande manifestação popular em honra do dr. Getulio Vargas, por motivo do aniversario da sua subida ao poder. O acto teve, na sua extraordinaria imponencia, caracter nacional. Milhares de pessoas aclamaram o chefe do Estado.—(Americana).

Club Gimnastico Português

RIO DE JANEIRO, 4.—O Club Gimnastico Português comemorou o 69.º aniversario da sua fundação com um almoço oferecido á Imprensa, no edificio para a sua nova sede, em construção na esplanada do Castelo. Trocaram-se brindes calorosos, em que foi exaltada a amizade luso-brasileira.—(Americana).

A Italia celebra o XIX aniversario

do fim das hostilidades com a Austria

ROMA, 4.—E' num «clima imperial» que a Italia celebra o XIX aniversario da cessação das hostilidades italo-austriacas. Os discursos oficiais e os artigos da Imprensa exaltam os triunfos guerreiros da Italia com o duplo fim de apresentar ao mundo a nação invencivel e lembrar á França e á Grã-Bretanha a sua pretensa injustiça em relação á sua aliada. Os referidos discursos e artigos tendem a demonstrar que a Italia fez os maiores sacrificios de homens e dinheiro, o que contribuiu para pôr termo á guerra, e que a-pesar disso, a Italia não recebeu o premio do seu auxilio. Além disso, empregam todos os argumentos para deminuir o papel dos outros aliados: por exemplo, opõem aos 4.373 soldados italianos mortos em França apenas 480 soldados franceses que baquearam em Italia, quando é certo que só no ossario de Pederobba jazem os despojos de 1.000 soldados franceses.—(Havas).

Para tapetes, passadeiras e alcatifas há em Lisboa uma casa especializada.
Quintão, Rua Ivens, 32

150 anos de reputação, pela sua magnifica qualidade

AERONAUTICA

Desastre nos Estados Unidos

SEATTLE, 4.—Durante as manobras da aviação naval americana, um avião patrulha com cinco tripulantes a bordo chocou a 500 metros de altura, devido ao nevoeiro, com um aparelho de caça com dois ocupantes. O primeiro aparelho despedaçou-se no solo e os seus cinco tripulantes morreram. Os pilotos do avião de caça puderam salvar-se por meio dum paraquedas.—(Havas).

Os pilotos ingleses vão praticar nos serviços comerciais

LONDRES, 4.—Os pilotos da «Roal Air Force» vão viajar como passageiros a bordo dos aviões dos serviços europeus e transcontinentais da «Imperial Air Ways». Esta decisão vai-se pôr em pratica dentro de algumas semanas com o fim de acostumar os pilotos —sobretudo os de aviões de bombardeomento—aos «raids» de longas distancias, de realização impossivel no territorio britanico, ás condições atmosfericas fora do territorio inglês e á navegação por radiogonometria.—(Havas).

Três execuções capitais

na cidade de Berlim

BERLIM, 4.—Efectuaram-se esta manhã em Berlim três execuções capitais por traição e conspiração contra a segurança do Estado.

A agencia oficiosa alemã D. N. B. comunicou a proposito: «Foi executado esta manhã Peter Sausen, de 29 anos, de Colonia, condenado á morte pelo tribunal do povo, por traição. Entregava-se á espionagem contra a Alemanha e foi preso no momento em que tentava executar certas missões. Foram igualmente executados Adolf Rembte, de Kirchsteinbik e Robert Stamm, de Remscheid, condenados á morte em 4 de junho ultimo pelo tribunal do povo por preparação de conspiração contra a segurança do Estado. Tinham respectivamente 35 e 37 anos e eram acusados de ter servido até 1935 a soldo do Komintern e de terem tentado constituir uma organização ilegal.—(Havas).

A crise belga

BRUXELAS, 4.—Pierlot desistiu de formar governo.—(Havas).

Desastres e acidentes de trabalho

Recolheram ao hospital de S. José, João Gomes Mateus, 41 anos, residente em Santo Antonio da Charneca, Barreiro, que ali caiu dum pinheiro, ferindo-se no torax; Inacio Pereira, 54 anos, albergado na Mitra, que, por motivo duma queda, partiu uma perna; e Americo Alves, de 16 anos, picador de caldeiras, que caiu a bordo do «Luso», atracado na Rocha, fracturando o cranio.

Pensão Castro
Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e jantares ao domicilio. Recebem-se comensais. — T. 2 6877.
Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

O professor Picard queixa-se

de que na Polonia utilizam os seus planos para a construção dum balão estratosferico

VARSOVIA, 4.—Causou sensação a noticia de que o professor Piccard está decidido a mover um processo contra as autoridades polacas, por motivo de estar a ser construido aqui um balão estratosferico, com que se projecta subir a 30.000 metros de altura e que o celebre aeronauta e homem de ciencia diz obedecer aos planos de que deu informações em Varsovia, quando da sua estada na capital polaca em 1936. Como se sabe, Piccard tambem prepara uma nova ascensão á estratosfera precisamente á altura de 30.000 metros, para estudar os raios cosmicos. O conselho cientifico polaco que organiza a tentativa nacional tornou publico que o seu balão está a ser construido segundo o projecto elaborado por professores polacos. Não pode tratar-se de pelagio, pois o aerostato não difere essencialmente dos construidos até agora na Polonia, e o material do involucro já estava escolhido antes da vinda de Piccard a Varsovia.—(Americana).

POLITICA POLACA

Novo partido monarquico

VARSOVIA, 4.—Um negociante de sabão de Varsovia acaba de fundar o novo partido monarquico polaco, pomposamente denominado «Partido Monarquico Nacional». O candidato ao trono que o novo partido propõe é um descendente da familia Wettin, ramo da familia reinante de Saxe, três membros da qual figuraram entre os ultimos soberanos da Polonia.—(Havas).

A revolução no Paraguay

Os insurrectos retiram

ASSUNÇÃO, 4.—Os insurrectos batidos em Conceição retiram para Caida tentando alcançar a fronteira do Brasil. Os oficiais presos pelos amotinados foram libertados pelos leais. A coluna do coronel Antola entrou em contacto com as forças vindas do Norte. Um chefe insurrecto foi feito prisioneiro.—(Havas).

"Record" automobilistico

BONNEVILLE (Utah) 4.—O corredor britanico, George Eystenken estabeleceu um novo «récord» do mundo das doze horas em automovel, conseguindo a media de 263 quilometros e 361 metros. O «récord» anterior, que era de 257 quilometros e 713 metros, pertencia ao americano Jenkins.—(Havas).

UMA VIAGEM DE MAC-DONALD

LONDRES, 4.—Damsay Mac-Donald, acompanhado por sua filha Sheila, tomou o comboio ás 10 e 30 horas com destino a um porto de Inglaterra, onde embarcará com destino á America do Sul.—(Havas)).

O rearmamento inglês

LONDRES, 4.—Segundo o «Daily Herald» e Almirantado britanico trata actualmente de verificar em que medida os navios mercantes ingleses poderão ser postos ao serviço da Marinha de Guerra. Os oficiais dos navios mercantes receberão, além disso, uma instrução especial que os prepara para caso de guerra.—(D. N. B.).

LONDRES, 4.—O redactor naval do «Daily Telegraph» calcula que depois da execução do plano de construções navais inglesas, a Inglaterra terá provavelmente, em 1942, um efectivo de vinte e cinco «dreadnoughts», dez dos quais serão de trinta e cinco mil toneladas; sessenta cruzadores modernos e dez cruzadores de antiga construção, nove grandes navios porta-aviões, cento e cinquenta «destroyers» modernos com uma grande reserva de tipos mais antigos, e sessenta a setenta submarinos modernos.

No fim deste ano, cento e quarenta e seis destes navios estarão em construção.—(D. N. B.).

A acção de Van Zeeland

LONDRES, 4.—Os meios parlamentares dizem que Van Zeeland concluiu o relatorio relativo á missão economica de que foi encarregado por alguns governos. Esse relatorio será imediatamente comunicado aos governos interessados, nomeadamente á França e á Grã Bretanha. Calcula-se que dentro em pouco se fará a esse respeito uma declaração na Camara dos Comuns. A pregunta feita ontem ao primeiro ministro acêrca do inquerito Van Zeeland foi retirada, parece que a pedido do governo, visto estar iminente a declaração.—(Havas).

Erupção vulcanica

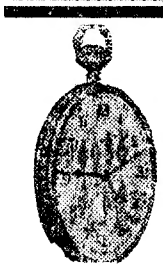
NOVA YORK, 4.—A estação meteorologica de Seattle captou uma mensagem dum vapor segundo a qual na ilha de Yeunaska, que pertence ao arquipelaço das Alcoutes, teria havido erupção de um vulcão. O vapor teria passado ao largo da Ilha a uma distancia de quinze milhas ao noroeste, assinalando que a chuva de lava e de cinzas cobria já toda a ilha. O ceu era iluminado a grande distancia pela erupção. Predomina a opinião de que a ilha em questão não é habitada.—(D. N. B.).

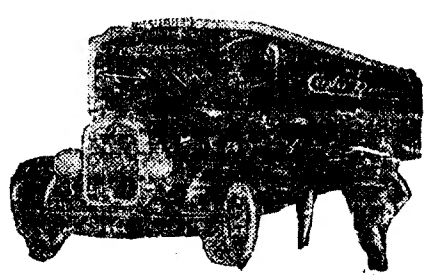
A agitação na India

LONDRES, 4 — Em Aligarh (Indias) registaram-se novos recontros sérios entre maometanos e indios. Morreu uma pessoa e ficaram varias feridas. O encontro foi provocado pelo facto dos maometanos terem querido impedir uma manifestação religiosa dos indios.—(D. N. B.).

A esquadra japonesa

TOQUIO, 4.—Em Osaka realizou-se hoje a cerimonia do lançamento do contra-torpedeiro «Minekoume», de mil e quinhentas toneladas, que atinge uma velocidade de trinta e quatro nós e que é equipado com seis canhões de 12,7 centimetros, assim como de oito tubos lança-torpedos.—(D. N. B.).


LONGINES
Sempre na vanguarda das bôas marcas
10 GRANDS PRIX


TRANSPORTES COSTA RAMOS
Domicilio a Domicilio
Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país
Carros especiais para mobilias.
Porto: *R. Guerra Junqueiro, 7* — Telef. 1854
Lisboa: *R. S. Julião, 34, 36* — Telef. 2 7200

DA-WA
CHARCUTERIA
TELEFONE 4 9764
AV. DUQUE D'AVILA, 38-B
Faça hoje um prato com carnes frias! Quilo 24$00

MAURICIO
DECORAÇÕES E MOBILIARIO
As mais elegantes criações
Rua Augusta, 240, 1.º
Tel. 2 8229

AUTOMOVEIS — MOTOS
Compram-se ou aceitam-se para venda entregando-se logo parte do seu valor. Facilitam-se as vendas por nossa conta.
AUTO PALACIO
Avenida Duque de Avila, 30

Papeis Pintados
Desenhos exclusivos
Restauradores, 19
Soc. Decorações, L.ª
Tel. 2 563

ULTIMAS NOTICIAS

COLEGIO
Bairro Escolar do Estoril
Telef. Est. 121

A AGITAÇÃO NO ORIENTE

Anuncia-se uma revolta dos arabes

contra a influencia politica da Gran-Bretanha

Ibn Seoud, rei do Hedjaz

PARIS, 4.—Madame Angles telefonou de Roma ao «Figaro»:

«Assegura-se que o Grande Mufti, antes do seu cativeiro e da sua fuga de Jerusalem, estava em contacto com os agentes italianos na Palestina.

Na Arabia acaba de ser assinado um tratado de amizade entre o governo e o emir do Yemen.

Quanto ao senhor do Hedjaz, o temivel Ibn-Seoud, que tanto deu que fazer á Gran-Bretanha, anuncia-se que se prepara para reivindicar o titulo de rei de todos os arabes, isto é, o direito de soberania que se estenderia desde Bagdad até Marrocos.

Desde ha dias que se encontram a este respeito, na Imprensa italiana, informações tão abundantes como significativas. Telegramas de Jerusalem, Cairo e Alexandria assinalam unanimemente que as tropas do emir do Hedjaz avançam para as fronteiras da Transjordania, unico pais arabe cujo governo se tem mantido, até agora, fiel á Inglaterra.

A crer nos jornais de Roma, soldados wahabitas ter-se-iam já chocado com os postos avançados britanicos nos confins do deserto. Estes recontros ter-se-iam dado no «hinterland» de Akaba, grande porto do Mar Vermelho, na proximidade do Sinai de que a Inglaterra pretende fazer uma base militar, uma especie de «ersatz» de Suez para o caso de encerramento deste canal na hipotese duma conflagração geral.

Ibn-Seoud reclamaria a zona de Akkaba para o seu reino, pois ela actualmente está encorporada na Transjordania e se destina no projecto britanico de partilha da Palestina, a tornar-se um enclave isolado inglês.

Outros telegramas datados de Assab e Djibuti, mas todos redigidos em termos identicos, anunciam um levantamento das populações muçulmanas de Hadramaout em volta de Aden. As autoridades inglesas desta ultima colonia teriam já tomado importantes medidas de repressão. E', conclui a correspondencia, a totalidade da Arabia que se encontra em revolta aberta contra a Gran-Bretanha e que prepara um movimento geral do Islam contra os seus opressores».—(Havas).

No Egipto desmentem a noticia

CAIRO, 4.—Os circulos autorizados desmentem categoricamente as informações de origem italiana segundo as quais ter-se-ia dado um recontro entre tropas arabes seuditas e os postos avançados da Transjordania. Por outro lado, aqueles mesmos circulos receberam com grande cepticismo o boato de que Ibn-Seoud ia reivindicar proximamente o titulo de «Rei de todos os Arabes», de Bagdad até Marrocos. Observadores fidedignos relembram, a este respeito, a prudencia politica de que deu sempre provas o soberano do Hedjaz e que de maneira nenhuma se conciliaria com uma declaração daquele genero.—(Havas).

Depois da Palestina a Arabia. Encontra-se o mundo perante uma ressurreição prodigiosa do Islam, movimento religioso capaz de unir e dinamisar as populações do Proximo Oriente e do Norte da Africa? Ou trata-se duma demonstração politica de grande envergadura ligada intimamente ás dissenções que separam os povos europeus e, em grande parte, determinada por elas?

Nas regiões entregues á protecção ou á colonização da França registaram-se, ha pouco, desordens que constituem sintomas mas que não podem considerar-se decisivas. Outro tanto se não dá na parte confiada á Grã Bretanha, onde a repressão já se iniciou com aspectos de violencia que denunciam claramente a inquietação dominante em Londres.

A declaração inicial de Ormsby Gore, feita durante a ultima sessão de Genebra, anunciando que a Inglaterra não enviaria á Palestina tropas, para impôr o projecto de divisão do pais entre arabes e judeus, sofreu depois o desmentido dos acontecimentos.

O terrorismo instalou-se em varias zonas da Palestina e ao terrorismo sucedeu a guerrilha organizada e reveladora da existencia de um plano préviamente estabelecido e de recursos apreciaveis em armas e munições. O gabinete de Londres enveredou, resolutamente, pelo caminho da repressão, convencido de que a agitação registada era mais a consequencia de intrigas estrangeiras do que do falado recrudescimento do patriotismo e do fanatismo arabes.

O telegrama que hoje publicamos dá a medida exacta da gravidade da situação depois criada.

Ibn Seoud, rei do Hedjaz e do Nedjd, aparece no primeiro plano da insurreição com a sua autoridade religiosa e a sua reconhecida competencia militar. Vencedor, em 1934, duma guerra sangrenta com o Yemen a reputação que, por esse motivo adquiriu, levou os seus mais ardentes panegiristas a chamar-lhe «o maior arabe, depois de Mahomet».

Incontestavelmente trata-se de uma personalidade vigorosa, dotada de qualidades excepcionais de coragem e de audacia que explicam a rapidez e o esplendor da sua carreira de chefe.

Num prazo relativamente curto, cêrca de trinta anos, ele conseguiu a unificação de quasi toda a Arabia que muitos chefes de tribu tentaram debalde durante alguns seculos. Embora seja conhecida a sua afirmação, feita quando recebe os peregrinos em Meca, de que não teve e não terá nunca a intenção de tomar para si o titulo de Califa dos muçulmanos, é incontestavel que a parte mais apreciavel das conquistas que tem realizado derivou directamente de uma explosão do sentimento religioso que ele soube inspirar e utilizar.

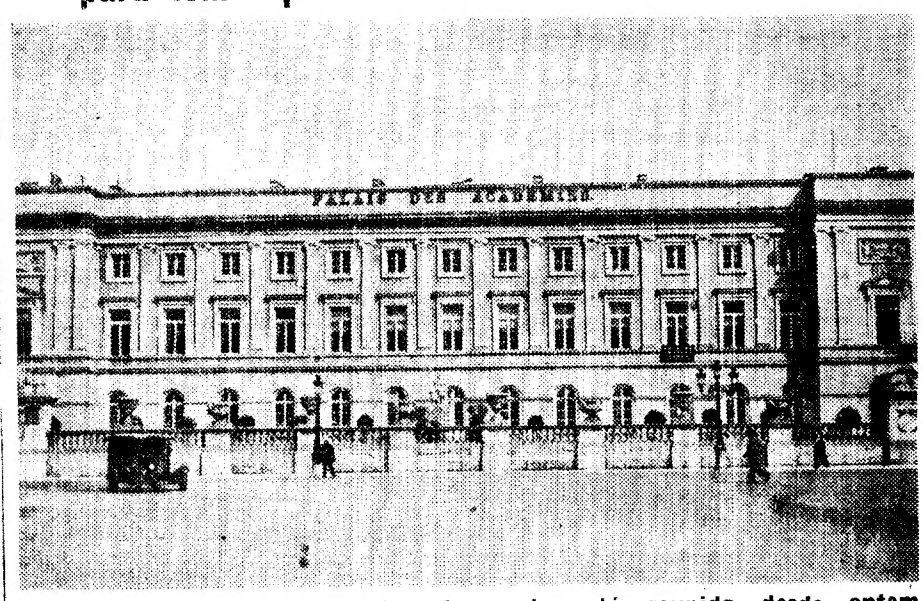
Um dos biografos do rei do Hedjaz, Antonio Zischka, escreveu ha dois anos que ele constituia um verdadeiro perigo para os povos de raça branca que dominam o mundo muçulmano. A sua ultima viagem a Inglaterra, por motivo da coroação de Jorge VI, não conseguiu, pelo que se vê, dissipar a animosidade de Ibn Seond contra a influencia britanica.

O Proximo Oriente volta a ser um foco de agitação e um motivo de preocupações para os dirigentes de Londres.

A GUERRA SINO-JAPONESA

O Japão recusará o segundo convite

para tomar parte na Conferencia de Bruxelas



O Palacio das Academias em Bruxelas, onde está reunida desde ontem a Conferencia das Nove Potencias

TOQUIO, 4. — A Domei informa que o Japão recusará o segundo convite para assistir á Conferencia de Bruxelas e diz que a recusa niponica se baseia nas seguintes razões: 1.º, Aquela Conferencia é inseparavel de Genebra, mesmo no caso de se transformar em negociações entre a Gran-Bretanha, França, Estados Unidos, Italia e U. R. S. S.; 2.º, O Japão insiste nas negociações directas e locais; 3.º, A intervenção das potencias só poderia complicar a situação. — (Havas).

A Conferencia de Bruxelas

BRUXELAS, 4. — A's 11 horas efectuou-se no gabinete de Spaak uma pequena reunião da Conferencia do Pacifico para preparar a sessão privada das 14 e 30 horas. A'quela reunião assistiram Delbos, Eden, Norman Davis, Aldrovandi, Litvinof, Degraef e o dr. Augusto de Castro. Delbos conferenciou esta manhã com Litvinof. — (Havas).

A Imprensa alemã perante a conferencia

BERLIM 4. — A Imprensa limita-se a publicar, sem comentarios, a reportagem do primeiro dia da conferencia de Bruxelas. Friza a intervenção do delegado italiano e «as propostas construtivas que apresentou». «A discussão em Bruxelas foi esteril»—proclama, num grande titulo, o «Deutsche Allgemene Zeitung», o qual acrescenta: «Segundo as opiniões recolhidas em diversas delegações, as perspectivas da conferencia são pessimistas. As proximas discussões realizar-se-ão no seio das diferentes comissões, o que permitirá aos principais delegados deixarem brevemente Bruxelas». — (Havas).

Comentarios francoses

PARIS, 4.—A proposito da intervenção de Norman Davis na conferencia de Bruxelas, madame Tabouis escreve na «Oeuvre»: «Davis não estabeleceu nenhuma discriminação entre a China e o Japão. Debalde, procurar-se-ia no seu discurso qualquer sinal revelador da opinião americana».

O «Figaro» diz que «a conferencia de Bruxelas fará muito mais mal do que se quiser ultrapassar o papel de «intermediaria». — (Havas).

A situação dos estrangeiros na Manchuria

LONDRES, 4. — De Toquio comunicam á Reuter: — Segundo uma mensagem de Hsin-King, o primeiro ministro da Manchuria, Chang-Ching-Hui, anunciou que o governo resolveu abolir os direitos de extra-territorialidade de que os estrangeiros gozavam até agora na Manchuria. — (Havas).

Um general chinês avistou-se com Blomberg

BERLIM, 4. — Von Blomberg recebeu o general chinês Chang-Poli, que se fazia acompanhar pelo dr. Cheng, embaixador da China em Berlim. — (Havas).

As operações militares

De Changai comunicam á Reuter que os japoneses se esforçam actualmente por transportar mais tropas para o outro lado do rio Su-Tcheu com o fim de desencadearem uma ofensiva contra os chineses que se encontram ás portas de Changai. Travaram-se violentos combates a oito quilometros do sector oeste de defesa onde consideraveis contigentes japoneses tentam ir reforçar as suas posições. Os chineses declaram que destruiram 2 ou 3 pontes construidas pelos japoneses sobre aquele rio. Os aviões niponicos bombardearam violentamente as posições chinesas a oeste da Concessão Internacional. Parece que o aerodromo de Hung-Jao constitui o primeiro objectivo daquele bombardeamento.

Comunicado da legação da China

A legação da Republica da China recebeu, hoje, de manhã, de Changai, o seguinte telegrama, cujo texto nos enviou:

«Cêrca de 1.000 soldados japoneses atravessaram a margem sul da enseada de Soochow, na aldeia de Ringlou. Depois dum violento combate, as forças chinesas ocuparam metade da aldeia.

No Sudeste de Nanziang, as tropas chinesas atacaram ontem, ao meio dia, e retomaram Tsu-Yuann.

As patrulhas avançadas chinesas chegaram até ao ponto situado a 1.000 metros aproximadamente a leste de Kwangfu.

Respondendo ás atoardas japonesas relativas a negociações feitas pelos chineses com relação á zona neutral e á evacuação de Nantao, o major Yu tornou publica a seguinte nota:

«Ante a insistencia da Comissão Internacional da Cruz Vermelha, interessada em estabelecer um refugio aos actos da guerra em Changai, as autoridades chinesas examinaram a proposta de que uma pequena parte da velha cidade chinesa de Changai seja poupada, servindo de abrigo para os não combatentes. Esta area deverá ser respeitada por ambas as partes. A proposta emanada da Comissão obedece sómente a fins humanitarios».

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

O LIVRO da "Japonesa bonita"

Sob a nenhuma sombra de um esguio pinheiro onde antes haviam pousado rolas, e sob uma tentação amavel de não caminhar mais e de me repousar a lêr, encostado ao tronco, sentado sôbre um tapete de caruma, costas voltadas ao Oceano — numa das tardes de domingo dêste verão, sózinho comigo proprio, li de um fôlego um livro que Angelo Pereira e Oldemiro Cesar poucas semanas antes me haviam enviado.

Chama-se «Os Amores de Wenceslau de Morais».

A noite passada pedi á minha «secretaria» mais pequenina que me trouxesse o livro da «japonesa bonita». (E' a capa). Lá estava a rapariga humilde de Tokushima, com os seus olhos rasgados e tristes, e o seu toucado simples e fôfo que usaram as raparigas de Lisboa ha pouco mais de quarenta anos.

E' muito bem ordenado este livro «Os Amores de Wenceslau de Morais». Literariamente, e no genero, perfeito. Mas é, além de tudo, um sobrio e admiravel retrato, uma biografia sem romanceado, a historia resumida de uma vida, com retalhos de outras vidas. Um delicioso volume.

Os letrados e amadores de boas letras, conhecem de sobra a historia de Wenceslau de Morais, e a sua obra, pelo menos «O Culto do Chá» e o «Dai-Nippon».

Mas admito a hipotese, que nada tem de afrontosa, de que um ou outro dos leitores fieis esteja arredado desta curiosisima figura, e da sua vida de um desequilibrio equilibrado. E sucede que a obra de Oldemiro e do Angelo está cheia de cousas novas.

Vou, pois, falar da singular personalidade, vista através de «Os Amores», isto é: como os autores dêste estudo no-la dão, com vigor, com probidade, com sentido literario—em beleza.

Nada mais ajustado a uma conversa, a dois dias de Finados.

E desta vez não resultará monotona.

* * *

Parto do principio que quem me lê, escutando, ignora tudo. E' a maneira mais segura de nos aproximarmos da sabedoria.

Wenceslau de Morais foi, primeiro, por 1871 tinha 17 anos, aspirante a oficial em Caçadores 5, mas como preferisse a vida do mar, passou á Marinha, e aos 21 anos concluiu o curso da Escola Naval. Era alfacinha do Campo de Santana. As qualidades de alma e de inteligencia—a indole que fez a personalidade—deve tê-las herdado da mãi. Embora a definição esteja muito gasta, Wenceslau José seria um romantico, o «ultimo» com certeza, porque se é sempre o ultimo.

Entrou logo a fazer estações navais, correu Africa, America, Asia, comandou navios, e, quasi sempre no Oriete em comissões, afez-se á temperatura local, apaixonou-se pelo clima moral e fisico da China e do Japão. No fim do seculo foi consul em Hiogo e Osaka e logo em Kobe e Osaka. Andava pelos 45 anos.

Jornadcara, amara. Trazia intactas as suas reservas de sonho e imaculado o seu senso estetico da honra e da beleza. Desde 1891 —tinha 37 anos—que não vinha a Portugal, e nunca mais veio. Esteve em Lisboa quatro dias, de 22 a 26 de agosto, comandando o velho «Tejo»—e abalou. Já estava «orientalizado».

Foi consul, e chegou a ser decano do Corpo Diplomatico. Em 1913 pediu a demissão—de tudo, de consul, de oficial de Marinha. Deram-lha, com frieza; depois quiseram-no fazer ministro no Japão, onde o seu nome era respeitado. «Não aceito nada!»—foi o telegrama sêco.

Tinha já renome literario; uma certa aura ainda numa roda escusa. Estava velho, rabujento; sofrera, afizera-se ao Oriente; seguia a religião de Buda. Era um original. Envolvera-se em barba patriarcal, rodeara-se de ambiente niponico.

Cultivava a saudade dos seus amores... E foram os amores que deram a transformação a este homem modesto, superior e—infantil.

Os seus amores não chegam a ter pecado.

E alguns são engraçados...

E outros atingem a sublimidade religiosa...

* * *

Wenceslau José era do tempo do Passeio Publico. E era um sentimental, um amoroso como todo o bom lusiada, e uma criança como todos os homens aos 18 anos. Fez versos—versos maus.

Uma «Laurinha», frivola e leviana, frequentadora do Passeio ás quintas e domingos, belesa picante—foi um idilio no qual o estudante militar se deixou embalar ingenuamente. A «Laurinha» tinha outro idilio, e literariamente o disse a Wenceslau. «Peço-lhe que não me odeie; que me perdoe». Aos 18 anos é engraçado.

Já era segundo tenente; alto, magro, elegante, desempenado, olhos sonhadores, vinte e seis anos vivendo com a mãi viuva, e duas irmãs—uma das quais, pelo menos, ainda vive—apaixonou-se por uma dona, infeliz de seu matrimonio. Amaram-se; Wenceslau naturalmente com paixão, ela com sinceridade. Era um ciumento dos diabos. Partiu para uma estação de Africa, e poucos anos depois, Maria Isabel, quando o amante regressa, estava ligada a um outro senhor, por bem, com quem viveu, morto o marido, cinquenta anos. Maria Isabel morreu em 1935, com 88 anos. O oficial de marinha sofreu—mas esqueceu. O seu romance não viera ainda.

Durante o tempo em que esteve distante de Maria Isabel, o oficial conheceu uma Arrussi, uma especie de «Barbara escrava», uma moçambicana escultural. Cativeiro de marujo, não deixou rastro.

A caminho dos trinta, Wenceslau já não era o escolar timido do tempo da «Laurinha» do Passeio Publico. Mas era o mesmo impenitente amoroso.

* * *

Aos trinta anos conheceu o autor futuro de «O Culto do Chá», a jovem Atchan, uma chinesa, escrava comprada em Cantão por uma chinesa rica, «debil, enfezada, contornos indecisos, peito de rapaz, mãos pequeninas transparentes de jaspe, admiravelmente gentis», meiga e simples. Era filha de uma chinesa e de um inglês. Quando o oficial português a conheceu Atchan vivia só com uma velha criada e uma catatua das Molucas. «As tardes batia á sua porta um europeu, maritimo...». Era Wencesleu, seduzido não pela belesa fisica da rapariga, mas pelas suas mãos finas e pela sua ternura. Tinha 17 anos. Foi a primeira novela, a serio, do futuro budista e mistico orientai.

Viveram juntos, a pobre rapariga vitima dos ciumes deste incorrigivel Othelo, mas delicada e submissa. Foi um «casamento» segundo as formas legais da China.

O marinheiro fez uma curta viagem no seu navio á costa chinesa, e na volta encontrou o ninho deserto! A suposta mãi de Atchan, aproveitando a ausencia do europeu, vendeu a «filha» outra vez! Nova desilusão.

Desta ligação nasceram dois filhos: José Morais, negociante na California, casado, já com dois filhos, que vive ainda e tem 44 anos, e João Morais, engenheiro em Hong-Kong, tambem vivo, com 43 anos. Foram legitimados e receberam, por testamento, metade da herança paterna.

A pobre Atchan é hoje a sr.ª Llo Wong Shi Morais ou Wong Ioc Chan; tem 65 anos, está bem conservada, usa cabelo á europeia e tem um perfil simpatico. Educou os filhos modelarmente, e algumas dezenas de anos depois da novela de Cantão, ainda ia encontrar-se, num sentimento de saudade que talvez lhe tivesse vindo de Wenceslau, com este no Japão. Aos 60 anos do escritor a debil Atchan esteve cinco dias em Tokushima. Ela já não reconheceria naquele velho de barbas e de olhar nostalgico o «europeu maritimo» de 1894.

* * *

Em 1899 vive em Kobe, consul de Portugal. Está na força da vida; anda á roda dos 45 anos. Frequenta as casas de chá, rodeia-se e ennebria-se do ambiente do Japão; integra-se no seu encanto. Almoça na «cháyas», entre glicinas e pionias servido por frescas raparigas; conserva uma altiva dignidade e o seu coração pungido e amoroso. Viaja nas cercanias, percorre as ilhas, adaptação. E conhece então uma raparigulta modesta, tipo perfeito de japonesa—a «japonesa bonita» da capa do livro—cabelos negros como asa de corvo, olhos pretos de extraordinaria meiguice: Tukumoto O'-Yoné, que não resistiu á côrte do lusiada.

Casaram em 1900 segundo as regras do país. O-Yoné, que era uma criadinha, passou a rainha do lar, venerada e amada pelo europeu, ciumento sempre, como uma deusa.

Começou a vida dolorosa de Wenceslau de Morais. A linda japonesa, poucos anos depois de ser a companheira do escritor, mostra sintomas de uma terrivel doença cardiaca. O sofrimento moral do português só tem paridade no sofrimento fisico da linda e ingenua O'-Yoné, privada de todas as visitas, pelo tirano apaixonado, o que — quem sabe? — apressou a sua morte. Nas horas proximas da morte, a boa O'-Yoné de mãos suplices rogava ao marido, ele europeu, superior aos deuses, que a salvasse.

Morreu a 20 de Agosto de 1912, num ultimo sorriso resignado para o seu dono e senhor.

O grande forno crematorio de Kobe devorou em instantes o corpo debil e delicado de O'-Yoné, e na sua pedra tumular, ao rito budista, foi inscrito:

Piedosa mulher — comparavel
a um vaso, precioso de dizeres

Sete espadas atravessaram o coração de Wenceslau de Morais, cada vez mais oriental, mais religioso, mais budista.

No ano seguinte, como disse acima, pediu a demissão de oficial de marinha, de consul, quasi de europeu.

As cinzas da linda e pequena O'-Yoné foram recolhidas num cofre e levadas para o cemiterio de Chio-Ouji, em Tokushima. Wenceslau, nesta altura com 59 anos, passa de Kobe a viver na cidade onde repousa O'-Yoné. Acompanha-o uma rapariga, sobrinha da sua esposa e amante. Chama-se Ko-Haru Saitó, e fôra criada da casa, moça trigueira, alegre e viva, de 22 anos, longe de ser bela, mas inteligente, de temperamento artistico, impressionavel, sonhadora...

* * *

Ko-Haru era a ultima esperança, o ultimo afecto familiar que ligava Morais á vida. A garota, porém, foge de casa para os braços de um rufião qualquer, que a seduzira.

Que se teria passado na alma do bondoso Wenceslau de Morais, já então integrado na vida japonesa das formas e do espirito, mas terrivelmente sentimento, afeiçoando-se ás pessoas como a uma cousa querida dos olhos e da alma?

Ko-Haru não tardou aparecer: miseravel, desiludida, tuberculosa, e com um filho nos braços.

E em agosto de 1916 lá vai a pobre Ko-Haru, com o asceta lusiada seguindo-a, bondosamente, a caminho do hospital—quarto particular n.º 19. E passa horas e horas á cabeceira da enferma, que reacendeu nos olhos doces o tique de poesia que neles residiam, como num misterio. Aperta-lhe as mãos escaldantes de febre. Fala-lhe ela da pobre O'-Yoné?

E Ko-Haru morreu a 2 de outubro de 1916, tirando do dedo um anel que pertencera a O'-Youé, e que Wenceslau de Morais comprara havia vinte anos em Osaka. Garatujava numa folha de papel de arroz a sua ultima vontade. As cinzas, ficaram junto ás de O'-Youé.

Wenceslau de Morais passou a viver sózinho, recebendo apenas de onde a onde uma mulher que vinha fazer a limpesa. Uma criança de 13 anos, Chyo-Ko aparecia ás vezes: era irmã de Ko-Haru. Vinha trazer-lhe um sorriso inocente de alvorada; lembrar-lhe a irmã, reavivar a memoria de O'-Yoné.

A pequena Chyo-Ko, nome que significa «mil gerações», morreu tuberculosa como a irmã dois anos depois...

Wenceslau sente crescer nele aquela morbidez que a mocidade e a maturação haviam disfarçado. Vive e veste á japonesa, profunda os misterios da religião, vai todos os dias ao cemiterio; medita, lê, isola-se, e trata de flores.

Tinha em casa um altar («butsudan») e ante ele ajoelhava. Uma freira budista, do convento de Otami, uma velhinha Shium Chigen, vem rezar com ele.

Ainda vive essa religiosa que todos os dias ora pelo eterno descanso de Wenceslau de Morais e de... O'-Yoné e Ko-Haru. Misterios da alma japonesa!

Passou os ultimos dias da vida a esperar carta dos filhos e de sua irmã, D. Francisca Paul, ainda viva. E as cartas não tinham chegado até á madrugada de 1 de julho de 1929, dia em que o grande e singular escritor morreu, vitima de uma queda no jardim da sua casa, tinha 75 anos.

No seu testamento pedia que, á maneira japonesa, cremassem o seu cadaver, e as suas cinzas se unissem ás de O'-Yoné e Ko-Haru, no mesmo tumulo.

Wenceslau de Morais escrevera sôbre elas «Será O'-Yoné?... Será Ko-Haru?» (1918, Viana do Castelo), e «O'-Youé e Ko-Haru» (1923, Porto).

Só em parte lhe foi feita a vontade, mas as suas cinzas, no cemiterio Tokushima estão juntas ás das duas pequenas e graciosas flores da Dai-Nippon, de certo modo tão singulares como ele.

* * *

E é isto, mas em 200 paginas, acrescido de notas, anecdotas, revelações, e deliciosos pormenores de vida e de vidas, o livro «Os Amores de Wenceslau de Morais», de cujo assunto, em perfume de beleza e de humanidade, me aproveitei para esta descuidada conversa — ainda nos cemiterios não emmurcheceram de todo os crisantemos japoneses doirados do dia de defuntos.

O livro da capa da «Japonesa bonita»...

NORBERTO DE ARAUJO

ITALIA, TERRA DE SONHO

Viagem de Lisboa a Palermo

O mar, o grande mar azul, profundo e solitario, embala-nos num movimento titanico, como se quisesse dar a medida da sua força e do seu poder de destruição á clara cidade flutuante, abrigo de tantas vidas, que ali vai—pequena faulha de prazer—a desafiar as voragens e as tempestades, segura apenas pela mão de Deus na imensidade assombrosa das aguas. Já não é o mar caricioso e brando da minha adolescencia que envolveu nas rendas fluidas das suas espumas o meu corpo fragil de menina em horas distantes de ritmos venturosos, nas praias de areias loiras e macias. Não é tambem ainda o Mediterraneo lendario, habituado a reflectir a brancura sagrada dos marmores eternos e o verde das murtas e dos loureiros ao redor das ilhas classicas da Grecia maravilhosa.

E' o grande Oceano Atlantico, masculo e vigoroso, em cujas costas hirsutas se aninham os genios dos naufragios, o que sacudiu outrora o corpo heroico das nossas caravelas nas primeiras tentativas descobridoras do periodo renascentino, é ele a planicie azul incomensuravel de traiçoeiras transferencias movediças onde singra, triunfal e branca, a nave donairosa sôbre cujo mastro drapeja a cruz suastica do pvilhão alemão. Dentro do barco vive-se agitadamente, vertiginosamente, a vida cosmopolita de um grande transatlantico moderno—vida de prazer partilhada entre os *deckes* e a piscina, dividida pelo *Grill Room* e o jardim de inverno. Cá dentro é a aglomeração, o movimento, a vida. Lá fora é a agonia dramatica das aguas, o misterio infinito da solidão na sua expressão mais larga e impressionante.

Vamos navegando com rumo a sudoeste. O meu alvoroço, porém, leva-me o espirito em direcção oposta.

A Italia, objectivo dêste cruzeiro e meu sonho obcecante de anos e anos, chama-me de longe com o azul religioso do seu ceu, a poesia dos seus campos, a beleza dos seus museus, a grandeza das suas ruinas. A Italia! Quanta magia, quanta beleza, quanto feitiço preso á sonoridade harmoniosa dêste nome evocador... Oh! o encanto das coisas longamente desejadas! Quantos pedaços de alma em nós pouco a pouco vão morrendo na ansiedade dos objectivos que nos fogem, cuja posse tanta vez se nos retarda! Ah! sim, quasi tudo na vida se alcança tarde de mais. Desta vez ainda, o meu objectivo distancia-se, o mar retarda felinamente a realidade do meu sonho. E na minha frente abre-se a nova perspectiva. Desenhando-se na luz clara do horizonte, quasi confundida com a ondulação movediça das aguas, ao longe surge a linha imprecisa de uma massa acinzeirada que pouco a pouco se define no perfil contornado de um rochedo preso na cadencia embaladora do mar. E pouco a pouco a avidez do meu olhar vai descobrindo a riqueza vegetal que veste as encostas do que primeiro se nos afigurara um rochedo nu. A esbelteza esguia das palmeiras mistura-se á exuberancia sensual do arvoredo alacre, ás bananeiras fecundas, aos campos de canaviais de açucar—toda uma flora privilegiada que envolve o solo da ilha numa caricia sem fim. E' a terra encantada da Madeira, é o sonho deslumbrado de Zarco que, como afrodita lendario, emerge das aguas na limpidez esplendorosa da manhã, mirando-se no espelho tranquilo da baia do Funchal.

Lá cima, no alto da ladeira escalada pelas matas cerradas de arvoredos seculares, ergue-se a Senhora do Monte a oferecer um refugio repousante aos que cheguem cansados da jornada. Sôbre as casas aninhadas entre a floresta sombria, desce do Terreiro da Luta a benção longa do monumento ingenuo da Paz.

O que será o misterio da vida nessas paragens distantes, beijadas pela graça de uma luz mais alta?... Quantos escalaram a encosta na ansiedade de prolongarem o deslumbramento de uma hora de amor impossivel de repetir-se? E quantos regressaram trazendo no coração uma ilusão a menos?

Após o encantamento da ilha enfeiticada, o mar toma outra vez posse de nós, arrasta-nos de novo, leva-nos agora na direcção ambicionada.

Horas e horas se nos estende novamente diante dos olhos a vastidão infinita do ceu e das aguas. Nem mancha de terra quebra de longe a monotonia do azul interminavel. Por vezes, sentimo-nos fora do mundo. Onde estão as nossas ambições, as nossas querelas, as nossas tempestades sentimentais? Tudo tão pequeno, tudo tão distante! Somos apenas um ponto perdido no niverso, cumprindo cegamente a lei fatal de um destino obscuro, á mercê Deus sabe de que forças, escravos sabe Deus de que vontade...

Agora estão á vista para o sul as serranias altas da costa de Africa, terras moiras que o dominio português noutros tempos chamou suas. Os olhos porém, voltam-se-nos instintivamente de preferencia para o lado oposto, perscrutando o misterio perturbador das terras de Espanha. Tamanho drama, tão grande tormenta! Quando brilhará de novo a antiga estrela da Iberia? Algeciras, mais clara á luz coruscante do meio dia, estende langorosa o corpo nevado á beira-mar. E no arfar continuo das vagas o navio vai dobrando novas pontas de territorio espanhol até topar com o rochedo aspero de Gibraltar—Gibraltar, a chave da paz da Europa. Da paz? Ou da guerra?

Toda a fortaleza tem um ar agressivo no seu perfil maçiço, eriçado de canhões, cercado de casernas.

> Oh! gloria de mandar, oh vã cubiça
> Desta vaidade a quem chamamos fama!

E dizer que em holocausto a tais cobiças se matam homens, se destroem cidades, se arrazam campos e que o amor e a solidariedade humana passam a ter função de smiples figuras de retorica!...

Mas o mar depressa me consola das minhas amargas reflexões, embala-me novamente, abre-me os braços como uma atracção de sortilégio. Oh! o poder de apaziguamento que o seu vaivem eterno traz por vezes ás almas presas de inquietação!...

«Nul n'a jamais confié vainement á la mer sa douleur, son désir ou son rêve»—diz d'Annunzio. E, docemente embalado pelas ondas, o coração abre-se-me ás sensações da nova étapa da jornada.

Argel!... Construções brancas rematadas por minaretes, manchados pelo verde aereo das palmeiras, batidas pelo sol intenso da costa africana, evocando o misterio dos patios fechados onde bailadeiras veladas sacodem manilhas e sequins nas dansas sagradas do ritual do Korão... Ruas estreitas e escuras sôbre as quais se fecha o segredo de cada casa, a sombra de cada vida... Evocações fantasiosas das «Mil e uma noites» lendarias, onde ha paisagens langorosas banhadas pela luz branca de tepidos plenilunios e onde dramas sangrentos de amor e de crime nos falam de ardencias passionais, de fatalismos desconhecidos, de volupias ignoradas...

Com o seu Casboh exotico, a sua mesquita lavrada de arabescos, o seu mercado gritante de vozes e de côres, os seus arabes de fez, as suas mulheres veladas, os seus bazares e os seus patios, os terraços e os seus jardins Argel ficou a viver nas minhas pupilas como um friso literario de Edmundo de Amicis, um sonho oriental de perfume sensual e exotico cuja impressão me acompanhou até avistar costas da Sicilia.

Palermo, a primeira terra de Italia onde poisam os meus olhos, está á vista com as suas montanhas rochosas, a sua «Conca de Oro» a sua primavera eterna. Pelos socalcos das encostas em anfiteatro avistam-se já os jardins e vergeis onde florescem a amendoeira e as rosas onde espreitam as vinhas moças, fontes generosas dos nectares preciosos que desde seculos imemoraveis embriagaram os deuses e os nomens. Palermo, terra de sol e de tradições fabulosas cuja antiguidade ultrapassa as fronteiras da historia e vai perder-se entre as brumas da mitologia, resplandesce, estendida voluptuosamente ao longo de uma costa de beleza incomparavel. Sob a tepidez do seu clima de doçura infinita, erguem-se arcos e colunas de antigos monumentos e cintilam os mais belos mosaicos do mundo. E na maciesa da luz feita para realçar o cenario desta natureza maravilhosa e os tesouros de arte ali acumulados pelas raças que desde a mais remota antiguidade se disputaram a sua posse, o nosso olhar sonha com teorias de faunos e bacantes passando entre os marmores dos velhos templos, gosando a festa vida, coroados de pampanos e de rosas.

Italia, Italia, que estranho poder é o teu que nos permite reunir os humanos e os deuses sob o encanto luminoso do mesmo ceu, na graça maravilhosa da mesma tradição, sem que para isso precisemos de sair do campo da realidade e da vida, sem que tenhamos de buscar na ficção os elementos construtivos das nossas evocações!...

OLIVA GUERRA

Tiro militar

A Direcção da Arma de Infantaria organizou um «Plano para os concursos de tiro a realizar em todas as armas e estabelecimentos do Exercito no ano de 1937».

Segundo este plano, os oficiais, sargentos, cabos e soldados, tomam parte nesse concurso de tiro, que tem caracteristicas diferentes, conforme a categoria dos concorrentes e cada um com a arma com que praticou o tiro de instrução.

Este concurso, com modalidades diferentes das que até agora se têm realizado, tem o seu inicio em provas regimentais e seguidamente por eliminatorias, os concorrentes mais classificados em cada uma das classes, tomam parte numa prova a realizar nas Regiões Militares.

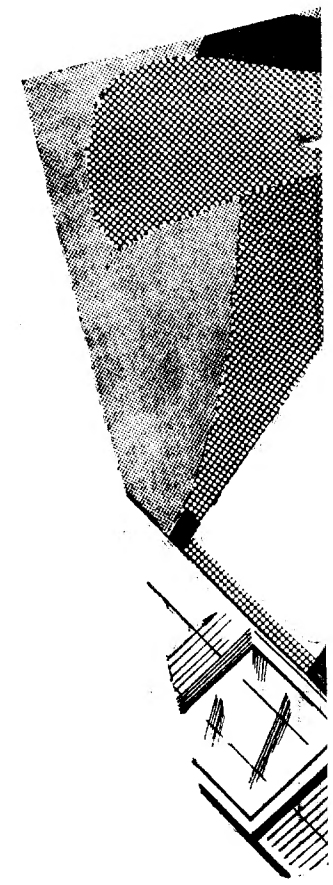
Ainda por sua vez, os primeiros classificados no concurso das Regiões Militares, vêm a uma prova de Campeonato Militar de Tiro que se realizará, em ultima instancia, na Carreira de Tiro Vergueiro-Ducla Soares, em Lisboa.

Para estes concursos existem premios pecuniários em harmonia com os postos dos concorrentes.

As provas do concurso regimental das unidades com séde em Lisboa e arredores tiveram inicio no dia 1 do corrente e prolongar-se-ão até ao proximo dia 6, e as das unidades da provincia terão o seu começo no dia 7, prolongando-se tambem nos dias seguintes, até á sua conclusão.

AVISO

ALFAIATARIA AGUIA acaba de admitir um 2.º artista com perfeito conhecimento de corte moderno. Apto a satisfazer os clientes mais exigentes. Mais barato casa nenhuma pode vender. R. da Madalena, 202, 1.º. Telefone 2 0581.



DEUTSCHE AFRIKA-LINIEN

C.las Alemãs de Navegação para Africa

PROXIMAS SAIDAS

África Ocidental:	África Oriental:	Norte da Europa:
Tenerife, Port Gentil, Libreville, Pointe Noire, Boma e Matadi:	Génova, Port Said, Suez, Port Sudan, Aden, Mombaça, Tanga, Zanzibar, Daressalam, Porto Amella,* Moçambique,* Beira*, Lourenço Marques* e Durban:	Southampton, Anvers ou Rotterdam, e Hamburgo:
"LEESEE„ em 15 de Novembro.	"UBENA„ em 6 de Dezembro.	"WATUSSI„ em 12 Novembro.
"LIVADIA„ em 17 de Dezembro.	"USSUKUMA„ em 6 de Janeiro.	"TANGANJIKA„ em 1 de Dezembro.
UM VAPOR em Janeiro.	"USAMBARA„ em 8 de Fevereiro.	"ADOLPH WOERMANN„ em 26 de Dezembro.
	* *Para estes portos só recebem passageiros.*	

AGENTES GERAIS:

Sociedade Insulana de Transportes Maritimos, L.da

Praça Duque da Terceira, 20

Telefones 2 9725-2 9726

COMISSÃO LI

Praça dos Re

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 1. — Cantou ontem a sua missa nova na igreja matriz da vizinha freguesia de Santo Antonio do Monte o rev. dr. José Maria Sardo, natural daquela freguesia, sacerdote muito estimado por todos pelas excelentes qualidades de trabalho e finos dotes de inteligencia que exornam o seu caracter. O piedoso acto esteve imensamente concorrido, prègando o padre Manuel José Amador Fidalgo. A' missa, seguiu-se exposição do SS., solene «Te-Deum», e benção do SS. Após o acto religioso, os venerandos pais do neo-sacerdote ofereceram um lauto banquete de 250 talheres, trocando-se amistosos brindes, que o homenageado, visivelmente comovido, agradeceu.

— Hoje tem estado bastante concorrida a romagem ao cemiterio, para embelezamento das sepulturas. Amanhã haverá na igreja-matriz solenes exequias, com oficios, missa de «requiem» e procissão ao cemiterio, onde prègará o rev. Alberto de Sousa, coadjutor desta freguesia. Ontem choveu torrencialmente, pelo que prejudicou bastante o brilho desta cerimonia.

— De harmonia com o artigo 30 do Codigo Administrativo, entra amanhã em funções o Conselho Municipal da Murtosa, sob a presidencia do presidente da Camara Municipal.

«LEGIÃO PORTUGUESA»

Brigada Naval

Ficam avisados todos os comandantes de ança, chefes de secção e legionarios da Brigada Naval que se realiza no proximo domingo, de novembro, ás 8 e 45, no Quartel de Marinheiros, em Alcantara, exercicio geral, não endo admitidas quaisquer justificações de falta este exercicio.

Associação dos Diabeticos Pobres

COIMBRA, 2. — Em beneficio da filial em Coimbra da Associação dos Diabeticos Pobres, veio dar um espectaculo no teatro Avenida, o grupo cenico «Caras Direitas», de Buarcos que representou o «Amor de Perdição», peça extraída do celebre romance de Camilo.

Fez a apresentação do apreciado grupo o jornalista Antonio Augusto Esteves (Carlos Sombrio), que pronunciou uma brilhante saudação a Coimbra; e o sr. dr. Guilherme de Oliveira, clinico desta cidade, discorreu sobre a diabetes, agradecendo em nome daquela filial o auxilio que o povo de Coimbra lhe tem dispensado.

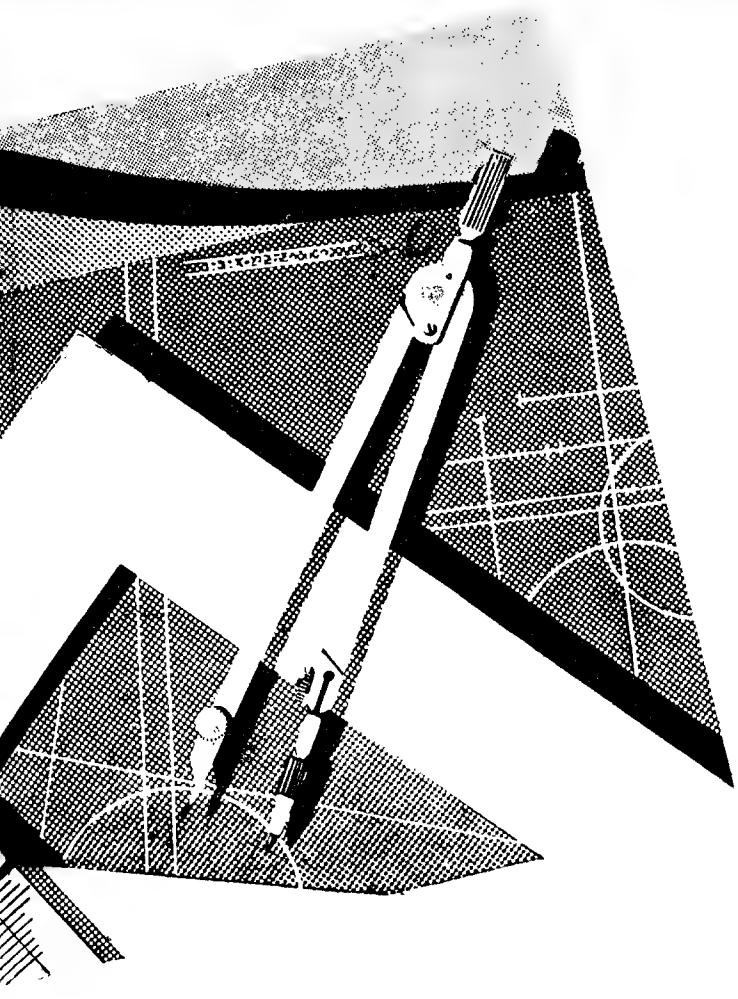
O grupo cenico «Caras Direitas», de que faz parte a actriz Dinah Stichini e possui elementos de valor, exibiu-se de forma a ser muito festejado.

XIX ANIVERSARIO DO ARMISTICIO

No programa das comemorações da passagem do XIX aniversario do Armisticio, levadas a efeito nesta cidade pela Agencia local da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, ficou estabelecido que a concentração dos antigos Combatentes se efectua no dia 11, pelas 14 horas, no largo fronteiro ao cemiterio do Alto de S. João.

Pela secretaria daquele organismo foram expedidas circulares a todas as entidades oficiais e civis solicitando a dispensa sem perda de vencimentos, dos seus funcionarios e operarios que tomaram parte na Grande Guerra, a-fim-de poderem participar da parada que tem lugar naquele dia.

Café Restaurante — TAVARES
Lanches para Casamentos e Banquetes
Grande e pequenas salas reservadas
LAGOSTAS vivas ou cosidas para fora kilo 19$00
Telefone 2 1112



A ILUMINAÇÃO ELÉCTRICA
é uma ciencia e uma arte,
tal como a arquitectura.
Peçam projectos gratuitos
à
LUMINOTÉCNICA PORTUGUESA
Restauradores, 53, 1.º LISBOA

CARTA DE PARIS

O Congresso da "Fidac"

e da sua "Auxiliar Feminina"

A Federação Interaliada dos Antigos Combatentes acaba de ter o seu XVIII Congresso, em Paris, onde se fizeram largamente representar as 11 Nações nela filiadas, sob a presidencia do grande mutilado e eminente patriota italiano Carlo Delcroix. Simultaneamente realizou-se o Congresso da «Auxiliar Feminina» da F. I. D. A. C. que reuniu algumas das mais prestigiosas figuras femininas que, nos tragicos e hoje já longinquos anos da Grande Guera, foram as protectoras dos Combatentes e de mulheres e crianças desamparadas nos diversos paises aliados, a algumas das quais as suas patrias devem os mais relevantes serviços, como a princesa de Mérode, da Belgica, madame Agathonovitch, da Jugoeslavia, madame Malleterre, viuva do general francês do mesmo nome, madame Elslegrova, grande auxiliar do presidente Masaryk na Checo-Eslovaquia, etc.

No Congresso, reunido no Centro Marcelin-Berthelot— centro cientifico a que Portugal pode orgulhar-se de ter o seu nome ligado e onde o nosso compatriota, o sabio professor dr. Aquiles Machado, é sobejamente conhecido e muito justamente considerado—foram aprovadas varias moções tendentes a estabelecer a confiança entre os povos, hoje mais do que nunca abalada, ao mesmo tempo que acentuando a necessidade duma colaboração permanente com os Combatentes dos paises ex-adversarios, constituindo-se assim, por intermedio dos antigos Combatentes uma politica leal e desinteressada, cimentada na camaradagem rude de homens da Guerra, sempre tendente á aproximação moral dos povos—lema essencial da F. I. D. A. C.—e á elevação das suas relações mutuas.

E considerando que a guera civil de Espanha ameaça a todo o momento degenerar em conflito geral, a F. I. D. A. C. intercederá junto dos Governos responsaveis pela defesa da civilização europeia para que os seus esforços conjugados possam evitar o perigo, assim como impedir o desenvolvimento de conflitos que perturbam a opinião publica a ponto de a fazer duvidar da possibilidade de organizar a Paz.

Os congressistas, que deveram aos seus camaradas franceses uma cativante recepção, depois de prestada homenagem ao Soldado Desconhecido Francês, no Arco do Triunfo, cerimonia inaugural do Congresso, foram recebidos no Eliseo pelo presidente da Republica francesa, Mr. Lebrun, que, respondendo sentidamente á eloquente saudação que lhe foi dirigida por Carlo Delcroix, o cego sem mãos, venerando representante das vitimas da Guerra, felicitou os antigos Combatentes, ao numero dos quais tem a honra de pertencer, pelos seus esforços a favor da Paz «vindos da parte de quem com a maior autoridade o pode fazer», afirmando ao mesmo tempo o desejo fervoroso da França de contribuir para a paz mundial.

Representando o presidente do Conselho, Mr. Camille Chautemps, tiveram os congressistas ocasião de ouvir o ministro da Marinha, Mr. Campinchi, que, presidindo a um banquete oferecido pelo governo francês, proferiu uma brilhante alocução em que foram tambem acentuadas as excepcionais condições morais dos combatentes para pugnar pela Paz universal e o vaticinio do governo francês pela manutenção das relações cordiais entre os povos.

Terminado o Congresso os congressistas foram convidados a visitar a catedral de Reims, restaurada, os campos de batalha de Verdun, o cemiterio e o Ossuário de Douaumont, etc., visita esta profundamente emocionante para quantos a puderam apreciar e por cuja organização a Secção Francesa recebeu os mais gratos elogios.

Foram eleitos por unanimidade para o proximo ano, como presidente da F. I. D. A. C., o general polaco Gorecki o mesmo que já foi eleito no Congresso de Lisboa, de 1932, e para a Auxiliar Feminina a delegada portuguesa da Secção Feminina da Liga dos Combatentes sr.ª de Cortez Pinto, sendo assim dada a honra á Secção Portuguesa de ascender á presidencia geral naquele importante organismo feminino internacional.

Entre as deliberações da Auxiliar Feminina figuram: activar a correspondencia entre crianças dos diversos paises; organizar um novo concurso infantil sôbre um tema dado, sugestivo do desejo de concordia entre os homens; manter como até aqui a concessão de Bolsas de Estudo a filhas e Orfãs de Antigos Combatentes; manter a Exposição de artigos regionais na sua sede em Paris; promover conferencias; homenagear os Mortos da Guerra; etc., tendo sido muito apreciada a publicação da Secção Portuguesa, escrita em três linguas «O Soldado Desconhecido e a Chama Eterna» que as delegadas portuguesas levaram ao conhecimento do Congresso.

Entre os congressistas reinou sempre aquele bom entendimento baseado na mais cordial camaradagem, peculiar aos membros da F. I. D. A. C., já exaltada pelo marechal Foch, que por esta agremiação tinha o maior carinho e nela tinha a maior fé, como foi recordado pelo brilhante orador funebre na homenagem prestada durante o Congresso, em S. Luiz dos Invalidos, á memoria do fundador e grande propulsionador da F. I. D. A. C., Roger Marie d'Avigneau.

UMA PORTUGUESA

O dia religioso

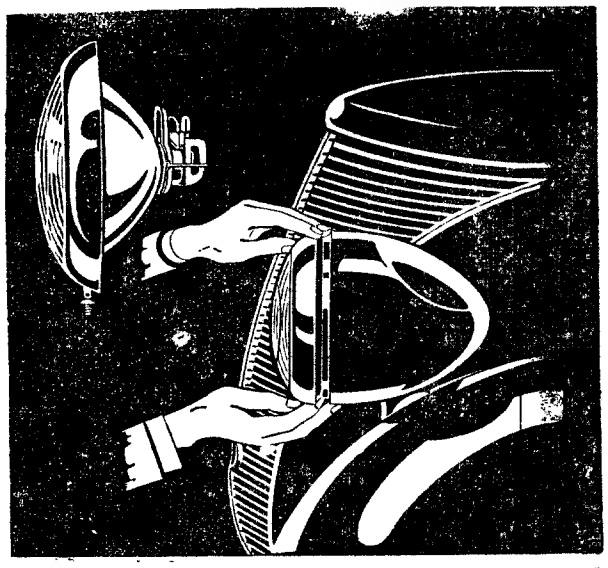
AMANHÃ, 5.—S. Zacarias e Santa Isabel, pais de S. João Baptista.

Lausperene, está na capela de Nossa Senhora das Dôres, á Boa Morte; ás 9, missa; ás 18, Hora Santa.

Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

Se
quere beber um vinho ESPUMANTE NATURAL de grande classe, não inferior aos melhores do estrangeiro, peça uma das seguintes marcas da REAL COMPANHIA
SUCESSO
PROGREDIOR
ASSIS BRAZIL
PRIMEIRA RESERVA
EXTRA RESERVA
Encontram-se á venda em todos os bons estabelecimentos

A admiração de todos os automobilistas são as novas



Opticas BOSCH

que transformam os farois do vosso carro em projectores potentes.

Despeza insignificante
Montagem rápida
Resultados surpreendentes

Luz clara a grande distancia e mudança anti-deslumbrante nos cruzamentos.

Temos **OPTICAS BOSCH** para farois de quasi todas as marcas de carros americanos. Peça hoje mesmo detalhes ao seu fornecedor!

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

ESCRITORIO TECNICO ROBERTO CUDELL, LDA.
PORTO — Rua Passos Manuel, 41, 1.º
LISBOA — Largo do Directorio, 15

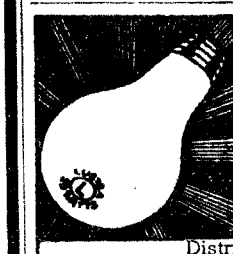
Monte tambem a véla **BOSCH,** a marca de confiança!

Cintas para tratamento

Executa-se por medidas aparelhos para hernias, cintas para ptoses, obesidade, rins, etc. Carta a este jornal até ao dia 10.

MOVEIS MODERNOS

esmaltados em todas as côres. Fabricam-se a preços de revenda.—R. de S.ta Barbara, 25.



FACTOS E NÃO PALAVRAS

Para que as lâmpadas durassem mais de 1.000 horas seria necessário reduzir a luz produzida e aumentar o consumo da corrente o que era anti-económico. Compre LUSTRA que dura em média 1.000 horas.

Distribuidores
António José Fernandes, L.da
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

Vila Alba Longa
SINTRA

Vai á praça no dia 7 do corrente, pelas 12 horas, á porta do Tribunal. Base da licitação Escudos 98.840$00. Mostra o caseiro.

Recorte este Anuncio e Apresente na

Fotografia AMERICA

RUA DO REGISTO CIVIL, N.º 6 e 6-A—Telef. 5 0065
Juntamente com 5 Escudos receberá uma boa fotografia 18×24 ou 1 postal por 2$50

PRODUTOS DE BELEZA Mme CAMPOS

No Natal e na Pascoa, no Carnaval como no verão, em todos os meses e a todas as horas. V. Ex.a deseja sentir uma aureola de juventude e beleza, preciosa a toda a mulher.

O seu melhor sorriso, sem aparencia de fadiga, fresco, natural, pode ser sempre conseguido, quer a a sua pele seja normal ou não.

Os produtos RAINHA DA HUNGRIA, cientificamente puros, são os seus melhores conselheiros. Use-os. Frequente a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA e ela será a colaboradora que, como a sua *toilette* mais chic, lhe emprestará realce e beleza.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Lisboa, Av. da Liberdade, 35. - Telefone 2 1866

A' venda nas boas casas

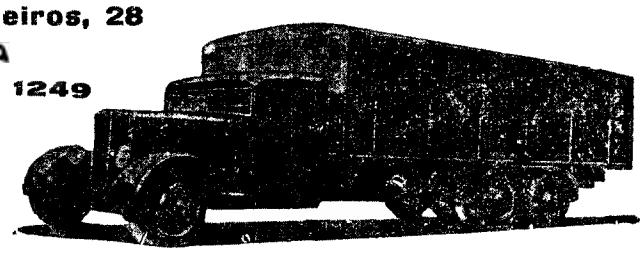
DISTRIBUIDOR: ALEXANDRE D'ALMEIDA SANTOS
TRAVESSA DA RUA FORMOZA, 20 PORTO

Empreza de Transportes BRAGA

Rua dos Correeiros, 28
LISBOA
Telefone 2 1249

Camions, Camionetes e Carroças

Para todos os generos de transporte em Lisboa e em todo o país



Servico especial de Mudanças

CAPRISTANO & FERREIRA, LIMITADA

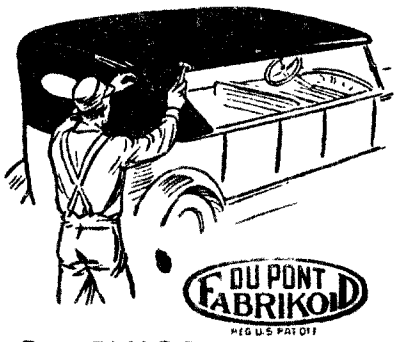
BOMBARRAL

Horarios das carreiras de auto-carros

Lisboa—Caldas da Rainha—Leiria	7.(0—12.30—16.30
Lisboa—Bombarral—Peniche	7.30—14.30—17.30
Lisboa—Nazaré—Alcobaça	8.3[illegible]—14.30 - 19.45
Lisboa—Nazare	17.30
Lisboa—Lourinhã—Bombarral	18.30
Nazaré—Lisboa	6.30
Peniche—Bombarral—Lisboa	6.55—8,10—10.50 - 14.35 - 15—20
Leiria—Caldas da Rainha—Lisboa	7.50—15.00—19.00
Alcobaça—Nazaré—Lisboa	7.3[illegible]—10.0[illegible]—14.35
Bombarral—Lourinhã—Lisboa	7.50
Peniche—Torres Vedras—Lisboa	8.45—16.00
Peniche—Caldas da Rainha—Santarem	8.10—10.50—15.20
Peniche—Caldas da Rainha	6.55—19.50
Caldas da Rainha—Peniche	9.25 - 21.55
Torres Vedras—Peniche	11.20—19.50
Santarem—Caldas da Rainha—Peniche	9.15—13.50 - 18.00
Santarem—Rio Maior—Nazaré	8.40—19.30
Nazaré—Rio Maior—Santarem	5.20—15.35
Leiria—Caldas da Rainha—Azambuja	8.55—15.55
Azambuja—Caldas da Rainha—Leiria	7.40—20.05

Partidas de Lisboa para o Porto..... 7.0[illegible] Partidas do Porto para Lisboa..... 7.40

Para outras informações: **FILIAL EM LISBOA** — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone **21003**



DU PONT FABRIKOID
REG. U.S. PAT. OFF.

O MELHOR MATERIAL, MANUFACTURADO PELOS FABRICANTES DO

DUCO

para estofos, capotas e

Decorações

Venda por grosso e a retalho:

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

NOVEMBRO

O Vosso Futuro...

As pessoas nascidas em Novembro... —serão, da familia, o melhor membro. Rijas... fortes... não sofrerão dos calos nem dirão mal de si proprias.

OS HOMENS serão assiduos frequentadores dos teatros. Não irão lá para apreciarem as peças, mas sim os PILARES ANDANTES das artistas...

AS MULHERES serão simpaticas e atraentes. Arranjarão noivo depressa, para passarem o inverno mais agazalhadas.

Preferirão os homens de semi-bigode, por serem mais meigos.

Irão todas as noites ao cinema (se houver quem pague e a fita fôr amorosa...)

Mas... nada disto lhes será dificil conseguir se levarem na malinha um pouco de café d'A Mariazinha (abrindo-a de vez-em-quando, para sair o cheiro...

Ha BICHA atrás delas!...

Amanhã: As pessoas nascidas em Dezembro... e a conversa acabada.

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

A proposito da visita dum seu descendente a Lisboa

O principe de Waldeck, marechal do Exercito português

Esteve em Lisboa no dia 28 de outubro, acompanhado por sua esposa, o Principe de Waldeck Pyrmont bisneto de Cristiano Augusto, Principe de Waldeck que, no seculo XVIII veio a Portugal, onde morreu.

A proposito julgamos interessante reunir algumas noticias sobre este ultimo personagem.

Em 1797 esteve iminente a guerra entre Portugal e a Espanha que, então aliada com a França, contra a Inglaterra, nos queria obrigar a abandonar a secular aliança com esta nação e a fechar-lhe os nossos portos, para o que fez concentrar grande numero de tropas proximo das nossas fronteiras, exercendo por esta forma uma certa pressão.

Não concordando Portugal com esta imposição, tratou o seu governo de intensificar o recrutamento para o exercito, tarefa que foi contida ao celebre e discutido Pina Manique, acêrca do qual prepara, ha anos, um trabalho, muito documentado, o nosso amigo e ilustre escritor, o sr. Francisco de Oliveira Martins, e procurou negociar, separadamente, a paz com a França, por meio do seu agente especial, em Paris, Antonio de Araujo e Azevedo, futuro Conde da Barca.

A-pesar dos esfgorços empregados, este diplomata não foi bem sucedido nas suas negociações, pois, não obstante ter conseguido, á custa do dispendio de grossas somas de dinheiro, um tratado de paz com o Directorio, este não foi ratificado pelo governo português, em virtude da oposição da Inglaterra.

Nestas circunstancias assustadoras Portugal resolveu contratar, como havia feito em 1762, a respeito do conde de Lippe, um oficial estrangeiro, não para comandar o Exercito Português, mas para coadjuvar o marechal general Duque de Lafões, seu comandante em chefe.

Foi primeiro indigitado, como hoje se dizia, o major general do Exercito Alemão Mack, que servia no Exercito Austriaco. Porém, como a côrte de Viena tencionava enviar este para o rei de Napoles, indicou ao governo português o Principe de Waldeck, general de cavalaria do Exercito Alemão, proprietario de um regimento de dragões, comendador da Ordem Militar de Maria Tereza, que tambem, militava nos exercitos de Sua Majestade Imperial e Real Apostolica.

Em 10 de Março de 1797 assinava este Principe, em Viena, o contrato por a sua vinda para Portugal. D. Lourenço de Lima, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. F., junto da côrte de Viena, assinou-o, tambem, por parte do governo português.

As suas principais clausulas eram as seguintes: receberia o comando dos exercitos de S. M. F., debaixo das ordens do Duque de Lafaões; teria o soldo anual de 26 mil cruzados, em tempo de guerra ou em serviço activo; em tempo de paz receberia o que fosse fixado pela generosidade e justiça de S. M. F.; ser-lhe-iam fornecidos, em Lisboa, 12 cavalos de sela, além dos das carruagens e carroças necessarias para os transportes; os cavalos seriam escolhidos tendo em atenção a falta do seu braço esquerdo, perdido no cêrco de Thionville e, finalmente, terminado o tempo do seu serviço, receberia, em vez de uma pensão vitalicia, um capital superior a 80 mil cruzados.

Partiu o Principe para Portugal, em 16 de março, a bordo da fragata inglesa «Alcmena», tendo recebido dez mil florins para as despesas da viagem, os quais lhe seriam descontados, em Lisboa, nos seus vencimentos.

Chegou a Lisboa a 17 de Maio de 1797.

Fôra-lhe concedida a patente de Marechal do Exercito por decreto de 19 de Março do mesmo ano.

Desconhecemos qual foi a sua acção no Exercito Português durante o curto espaço de tempo que viveu entre nós.

Por um apontamento manuscrito, existente no Arquivo Historico Militar, temos noticia da sua partida, com Wiederhald e Reuss, oficiais alemães, para o Alentejo e provincias do Norte; talvez em viagem de inspecção. Nesta situação recebiam estes seis rações de palha e cevada para quatro cavalos e duas cavalgaduras pagas a trezentos reis cada uma.

Em consequencia das antigas feridas, recebidas no referido cerco, faleceu o Principe de Waldeck, em Sintra, pelas nove horas da noite de 24 de setembro de 1798, com 54 anos de idade.

No jornal de Belas Artes ou Mnemósine Lusitana», de 1896, escreve um anonimo autor: «Era tão habil general, que o seu voto em ataques, e defesa de traças tinha todo o peso no conselho dos generais alemães, que muitas vezes cederão para seguirem a sua opinião, muitas vezes coroada por bom exito feliz. A sua afeição respeitosa ao Nosso Augusto Soberano, e a afabilidade com que tratava os seus subalternos lhe adquirirão a estimação geral de quantos tiveram a dita de conviverem com este principe, e tornou saudosa por isso a sua memoria».

Nos ultimos dias que precederam a sua morte João Guilherme Cristiano Müller, seu compatriota, socio efectivo da Academia Real das Ciencias, autor de varias obras mencionadas por Inocencio, entregou a Luiz Pinto de Sousa, ministro dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, em seu nome e por sua ordem, uma «Memoria», datada de Sintra em 13 de setembro, cujo original se conserva naquele arquivo, na qual, exprimindo as suas ultimas vontades, recomenda á Soberana, D. Maria I, Tereza de Burgscheit e a viuva de Leser, para quem solicita pensões. Ali diz que «morre nos momentos em que huma molestia grave o levou á margem da sepultura, despertando idéas penosas, á magnanimidade do Soberano, a quem presentemente tem a honra de servir».

Depois aquele mesmo Müller apresentou outra «Memoria relativa á Comissão de assistir ao defunto Principe de Valdeck nos ultimos dias de sua vida», documento, sem data, que, igualmente, existe naquele arquivo.

Nela recomenda, á soberana, quatro dos seus criados que, com ele, vieram da Alemanha e que o serviram com o mais exemplar zêlo e afeição infatigavel.

Tambem nela se lembrou dos medicos que o trataram, em especial o doutor George Henrique Langsdorf, enviado por sua irmã a Princesa de Nassan Usingen.

Ocupou-se, depois, dos oficiais do seu Estado Maior que, com ele, haviam vindo para Portugal e que foram os seguintes: Principe Henrique XVII de Reuss, coronel; Bernardo Guilherme Held de Wiederhold, coronel ao serviço do Landgrave de Hess, que desempenhava as funções de ajudante general do Principe de Waldeck; Carlos Augusto de Oyenhausen, ajudante de ordens; Carlos Manuel Obermüller, capitão; João Baptista Francisco, barão de Blumenstein, tenente-coronel; barão Carlos Guilherme de Selchu; Filipe Paulo e Antonio Tessiere de Miremont, franceses, irmãos, aquele major e este capitão, recomendando-os á atenção e benevolencia de S. M.

O seu enterro foi feito á custa do governo, com toda a pompa e solenidade, informa o mesmo «Jornal de Belas-Artes».

No cemiterio dos ingleses, á travessa dos Ladrões, hoje rua Nova da Estrela, se ergue o seu mausoleu, mandado construir, tambem, pelo governo português. Encontra-se á direita da rua dos ciprestes, a dois terços de distancia da entrada. Junto dele prestou-lhe piedosa homenagem, depondo uma corôa de flores, o seu descendente, a quem nos referimos no inicio deste artigo.

No mesmo jornal, onde em gravura de Antonio Manuel da Fonseca, segundo desenho de Pedro Alexandre Cavroé, vem a sua reprodução, assim se descreve este monumento funerario: «... huma pyramide de cantaria sobre dois degráos da mesma pedra com huma tabella saliente, na qual se vêem esculpidos dois genios segurando hum capacete. Por cima desta huma coroa de louro, e varios ramos enlação huma espada, e hum facho. Abaixo do vértice da pyramide em justa proporção, e distancia, em huma elipse guarnecida de mais louro, cahindo em festões por entre duas argolas, se vê a efigie deste excelso general, e entre estes festões, e os atributos militares se lê gravada na pyramide esta inscripção: Christiano Augusto Caroli Augusti Frederici Principis Waldechü Filio Qui vixit an. LIIII. Decess VIII kal. Octobr. (I) DCCLXXXXVII. Joannes Lusitaniae Princeps Regens Qui ut viri rei militaris peritissimi Opera uteretur Eum a Germania vocaverat Hse monumentum P. C. Dois pedestaes convexos sahem dos lados da pyramide, e sobre elles estão colocados dois vasos sepulcraes, que por azas tem duas mumias, ou figuras egypcias, de cujas mãos pendem ramos de cyprestes. O outro lado da pyramide he guarnecido de outros emblemas, e ornatos analogos ao motivo, com que foi erigido este monumento».

O seu desenho é devido ao arquitcto italiano Francisco Xaxier Fabri, que veio de Roma, com o bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avelar, a-fim de reedificar a Sé de Faro. Foi encarregado, depois da saida para o Brasil de José da Costa e Silva, da construção do Palacio da Ajuda e foi autor do projecto do Palacio Castelo Melhor, ao Passeio Publico, o que tudo se lê no excelente livro do nosso amigo dr. Xavier da Costa «As belas artes plasticas em Portugal no seculo XVIII», Lisboa, 1935.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

O alegre tocador de luth, de Frans Hals

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

ALDOUS HUXLEY

Um cetico olha para a vida

Ha no capitulo decimo do ultimo romance de Aldous Huxley, *Cego em Gaza*, uma passagem curiosa e significativa. E' um fragmeno de dialogo entre Anthony e Brian—dois personagens para cujo retrato o autor de *Contraponto* deu o melhor de si mesmo, como artista de bizarras paisagens de alma...

Huxley sempre manteve uma atitude de abstenção em face dos problemas vitais do momento. Considera inutil a «melée» politica. Cercado por toda uma biblioteca, afagando volumes que iam, indistintamente, de Omar Khayam a Marx, fechava os olhos para a dôr do mundo. Não que acreditasse, á semelhança de outros, no racionalismo puro como chave para a solução de todas as questões.

Huxley carrega dentro de si mesmo uma extraordinaria vocação de scientista, que a hereditariedade, se não explica totalmente, pelo menos confirma. No espirito dêsse fascinado pelos microscopios não podia caber apenas a lição fria de um racionalismo encarcerado em si mesmo. Huxley ultrapassava as fronteiras dos raciocinios fechados. Mas permanecia no relativismo da ciencia. O que Russell, por exemplo, fazia com a filosofia—sorrindo de toda a pesquiza do absoluto—Huxley realizava dentro do seu mundo de ficção. Diferente. Ele não se contentava com fixar, numa obra significativa como *Contraponto*, uma nova tecnica para o romance: uma tecnica «sinfonica», sem a presença do heroi, cuja vida absorve a dos outros titeres, mas interpenetrando, num mesmo tema romanesco, as vidas e os nadas de humanos. Ele foi além. Construiu uma atmosfera nova para o romance. Fez, da analise de uma parte da sociedade inglesa, um pretexto corajoso para esboçar uma concepção de vida, singular e recente. E essa concepção de vida era um pouco de tédio e de superioridade sorrindo da banalidade quotidiana, tecendo perversidades estudadas á mecanica das paixões e das idéas.

Veio, porém, esse admiravel *Cego em Gaza* e já Huxley não nos aparece mais sob a mascara daquele relativista antigo, interrompendo, por maldade, uma reflexão angustiada do seu heroi para divagar, subtilmente, sôbre o carcter passional das fugas de Bach. Anthony—personagem que tem muito do autor—dialóga, a certa altura, com Brian. Discutem o «problema da liberdade» no mundo actual.

...«Calaram-se. Distraidamente Brian tomou d'*O caminho da perfeição*, volvendo-lhe as paginas. Fechou o livro, tornou a pô-lo no seu lugar, e, sacudindo a cabeça, disse: «Não posso compreender porque você lê essas coisas. Considerando que você não acredita nelas.»

—Mas o caso é que creio, sim, insistiu Anthony. Não, é evidente, nas explicações ortodoxas. E' obvio que elas são idiotas. Mas acredito—isso sim—nos factos. E na fundamental teoria metafisica do misticismo.

—Você quere dizer que pode atingir a verdade por uma especie de união directa com ela?

Anthony assentiu com a cabeça. E só por esse modo, as verdades mais valiosas e importantes.»

Este fragmento está perdido num canto de pagina. Mas dá-nos o essencial do novo Huxley. E fixa tambem—o que nos parece definitivo—o drama do intelectual diante do mundo moderno. Huxley renega a sua primitiva posição de intelectual enojado da vida, vivendo de compôr paradoxos sôbre os problemas da hora, divertindo-se em escalpelar almas para fazê-las menores no sofrimento. Anthony reconhece a necessidade de abandonar a posição de filosofia esterilizante em que mergulhara a sua curiosidade de «diletanti» da duvida. E fala, numa linguagem tocada de reminescencias liturgicas, na união do espirito com a verdade. União directa, realizada através dos caminhos iluminados do sentimento.

Já se afirmou que, daqui a cem anos, estes meses serão recordados por três factos: a tragedia espanhola, a experiencia socialista na França e a publicação do *Les jeunes filles*, de Montherlant. O autor desta frase curiosa deve ter hoje, se leu o admiravel *Cego em Gaza*, desejos de corrigi-la, substituindo o livro de Montherlant pelo de Huxley. Se o primeiro é, antes de tudo, um produto da inteligencia, o segundo toca, por instantes, nas raizes profundas da vida. E, o que é melhor, vem trazer o depoimento de um dos maiores escritores contemporaneos sobre a inutilidade da inteligencia, mesmo que apoiada nos dados da ciencia, se não a vivificam o sentimento e a «posse» do mundo. Pouco importa que Huxley tenha realiado a sua conversão á vida por um caminho imprevisto. Esperava-se que ele, evadido dos laboratorios, viesse para a Acção encarando-a de frente, dissolvendo-se nela, escolhendo, desde logo, o seu lugar nas barricadas. Daniel Orme não escondeu a sua decepção vendo-o caminhar para o que chamou, sem motivo, de misticismo: A conversão de Huxley encontra, nessa atitude tão bem marcada por Anthony, a sua primeira etapa. Mais tarde, ele, já iniciado nos misterios dolorosos da vida, terá fatalmente de descer os olhos dos axiomas da filosofia para a tragedia do mundo. Sintoma dessa evolução necessaria é a réplica dada ás palavras do personagem Anthony pelo homem Huxley, agora dirigindo, na Inglaerra, um enorme movimento pacifista.

E um dia ha de vir em que Huxley comporá romances tocados da brutalidade da grandeza da vida. Anthony procurará a verdade, nem sempre pelo prazer espiritual de encontrá-la. E, comovido, Huxley poderá, então, iluminar os olhos daquele enamorado da liberdade que ele cegou, um dia, em Gaza...

OSMAR PIMENTEL

AXEL MUNTHE

OU A APRENDIZAGEM DE SANTO

Axel Munthe é o autor dêsse livro calmo e lucido que se chama de S. Michel—do nome de palacio que na ilha de Cápri mandou construir para encher seus olhos de claridade ofegante que no seu país de bruma—a Suecia—não lograra disfrutar.

Obra profundamente humana, de uma humanidade dilacerante, conseguiu, apesar de tudo, iluminar a sensibilidade de todos aqueles a quem o veneno subtil dos costumes contemporaneos diluidos no egoismo de uma epoca invetebrada não secou de todo.

Henri Heine, esse poeta singular em quem a melancolia germanica vivia no estimulo duma irreverencia espiritual latina, disse um dia:

« A morte está bem, mas morrer é um mau negocio.»

Este pensamento do autor do *Intermezo*, tão cheio de uma profunda verdade metafisica e da maior inquietação vital, é a facil chave que nos permite compreender e penetrar o sentido aparentemente enigmatico da filosofia e da estetica do dr. Axel Munthe.

E' certo que a sua formação intelectual e até mesmo a sua profissão de medico neurologista podem explicar a dupla face da sua literatura exaltadora e deprimente—porque em verdade só um medico sabe com plena consciencia compreender, apreciar e tornar sensivel aos outros a ardua batalha que representa «ajudar o homem a morrer.»

* * *

Foi para vêr se conseguia vencer uma insonia persistente que o dr. Axel Munthe empreendeu escrever o livro de S. Michel. Esse trabalho extenuante e a luz da ilha de Cápri cegaram-no completamente.

O professor Vogt, que ha pouco salvou De Valera da cegueira, operou-o e restituiu-lhe o precioso dom dos Deuses.

Axel Munthe, entretanto, declarou ha pouco a um jornalista inglês que não foi essa a sua melhor hora—a sua hora mais feliz—, pois em verdade só sentiu a felicidade acariciá-lo com a sua asa suavissima no dia em que a ilha de Cápri, onde vive, foi declarada santuario das aves e proibida a sua caça; sendo nêste caso motivo para se dizer que a felicidade toma para alguns as formas mais inesperadas e extravagantes.

Estes esclarecimentos acêrca da vida privada do dr. Axel Munthe poderão parecer despropositados aos literatos faltos de experiencia humana que não concebem facilmente quanto aquela é indispensavel a quem escreve e de como a vida e arte são absolutamente solidarias.

Com efeito, a literatura, quando atinge as culminancias da arte de Axel Munthe, é apenas soma de movimentos, instintiva expressão de imperativo interior, uma mensagem mais do que factos. Os que só vêem os seus aspectos materiais desconhecem a sua face mais grandiosa, o seu nimbo refulgente. A literatura incorporea, que é toda a da linhagem de Axel Munthe, nasce em virtude de leis de mecanica social tão providenciais e positivas como as leis de mecanica celeste.

Inexoravel como as marés do mar encapelado traz na forma a electricidade do espirito e por vezes o equilibrio da ansiedade.

Por isto, o livro de Axel Munthe prende e arrebata, porque a sua literatura trouxe ao «homem da rua» uma nova filosofia despresadora do peso mortal do materialismo voraz do nosso seculo, fortificou a confiança do homem contemporaneo, alargou a esperança na inteligencia e demonstrou as verdades psicologicas da supremacia do espirito sôbre a materia, da alma sôbre o corpo.

A mensagem de Axel Munthe, fôrça criadora de fé, iluminou de uma luz radiosa a obcessão de inferioridade em que vivia a humanidade actual.

E assim a sua vida em que a contemplação da morte teve um lugar preponderante—o autor do livro de S. Michel serviu como medico durante a Grande Guerra—longe de ter feito dele um pessimista amargoso, transmutou-o num optimista tenaz.

«A Guerra—aquele monstro que se sustenta de fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome tanto menos se farta»... aquela tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades, e, talvez em um momento sôrva os reinos e as monarquias inteiras... «aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que, ou se não padeça ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro» (1), reavigorou-lhe o espirito de tal sorte que dêsse dilema de morte e vida tão confuso e perturbador para a maioria dos mortais, Axel Munthe extraiu uma filosofia heroica que corporisou nas suas queridas aves as quais simbolisam com efeito a melhor expressão do que é a vida: um vôo leve que depois de atingir a altura do sol rasa o solo á luz dum crepusculo tristissimo.

F. ALVES DE AZEVEDO

(1) Padre Antonio Vieira.

Ecos

Num congresso de bibliotecarios, que ha pouco se realizou em Cambridge, abordou-se o problema do emprego do micro-filme nas bibliotecas publicas. Watson Davis declarou que era possivel reproduzir em micro-filme as grandes colecções do mundo, que assim se tornarão moveis. Uma biblioteca inteira, qualquer que seja o numero dos seus volumes, poderá ser enviada como vulgar bagagem através dos oceanos. O professor R. S. Hutton, do British Museun, anunciou que todos os livros ingleses, anteriores a 1550 vão ser reproduzidos em micro-filme, e enviados ás bibliotecas dos Estados Unidos. Uma pagina de formato vulgar ficará reduzida ao tamanho dum selo. Com qualquer aparelho de aumento ou projectada no «écran», voltará ás suas dimensões normais, sendo os seus caracteres perfeitamente legiveis. Assim, Lisboa poderá permutar com Londres ou Chicago, Praga ou Peiping, as suas preciosidades bibliograficas.

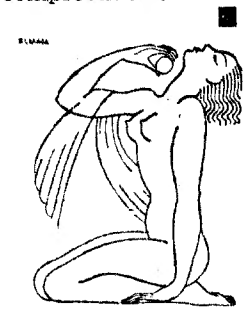
■

O ultimo livro de Maeterlinck intitula-se: «Devant Dieu». Trata-se, segundo uma critica que lemos no «Journal de Genéve», duma obra triste e entristecedora, por vezes, atravesada de maravilhosos clarões, e outras, um nadinha ridicula. O autor da «Mona Vema», expõe-nos, antecipadamente o que responderá a Deus quando comparecer no tribunal divino, como se defenderá, e ainda os motivos que o levam a afirmar que a razão está do seu lado, e não do Criador.

Este livro, afirma o mesmo critico, é um exemplo do que pensa um sêr que despresa a humanidade, e se satisfaz consigo proprio. Maeterlink não compreende porque essas formigas, que se chamam homens, saibam mais do mundo e da vida, que as rochas e as arvores.

Tem pensamentos como este: «Dir-se-ia que fomos criados para nada compreender».

■



A Academia Mallarmé está agora completa. Como se sabe os primeiros dez academicos foram escolhidos entre os poetas que frequentaram a casa de Mallarmé. Esta condição, porém, não foi exigida aos outros membros. Em Maio passado foram selecionados Leon Paul Fargue, Valery Larbaud e Charles Vildrac, e mais recentemente, madame Henri Regnier, conhecida no mundo das letras sob o pseudonimo de Gerard de Houville, numa homenagem que se divide pelo seu brilhante talento literario e pelo nome que ela representa—o de seu marido Henri Regnier, que morreu no mesmo dia em que se criou a Academia Mallarmé. O decimo quinto lugar foi atribuido a Jean Cocteau.

■

A Academia dos jogos florais francesa conferirá, em 1938, o grande premio de poesia Fabien Artigue, no valor de dez mil francos. Trata-se dum premio indivisivel que já foi atribuido aos poetas Emmanuel Aegerter e Fernando Mazade.

"Três raparigas em liberdade"

por Amadeu de Freitas

Amadeu de Freitas, que já se havia classificado como um jornalista de notaveis qualidades: analise viva, emoção rica de sensibilidade e forma ardente, revelou-se agora com «As Três Raparigas em Liberdade», livro que ainda rescende de as tintas do prelo, um novelista admiravel. Sem exageros podemos considerar a sua obra uma verdadeira revelação. Trata-se dum romance moderno, dinamico, por vezes, audacioso, que empolga pela riqueza da imaginação, através dum entrecho bem perspectivado, no qual se debatem três mulheres, outros tantos tipos do amor, cada uma com o seu complexo, a sua alma, a sua fragil e delicada substancia.

Amadeude Freitas

«Três Raparigas em Liberdade» é uma aventura, grande parte passada num iate de porto em porto, de ilha em ilha, com sugestivas notas de cosmopolitismo, onde o autor, por vezes, atinge a mais aguda ironia sentimental, no genero de Monterlant que ele, totalmente ignora, e outras manifesta a sua emoção, em acordes de mais alta sensibilidade. A novela tem o «decoupage» dum filme. Os seus lances multiplicam-se, subjugando o leitor, curioso de decifrar a solução preso nos dialogos, escritos nervosamente, que são magnificos de analise psicologica. «Três Raparigas em Liberdade», que é, talvez, a melhor novela publicada nos ultimos tempos, faz-nos esperar de Amadeu de Freitas outras obras do mesmo genero. Desde hoje contamo-lo como um romancista, de toque moderno, incisivo, dinamico, que sabe projectar, admiravelmente, as figuras do nosso tempo e reproduzir, como um verdadeiro artista, as mais subtis atmosferas do amor.

.....

Passeámos mais, conversando como eu nunca conversara com uma mulher. Sentámo-nos num banco e ela pediu-me o guia, que folheou agitada, afogueada. Tinha uma idéa, bem o percebi. Por fim, consultado o mapa da cidade, pediu-me:

—Acompanha-me?

—Aonde?

—A' Avenida da Vitoria.

—Que vai lá fazer?

—Venha comigo.

—Mas ainda há pouco lá estivemos! Que manía é essa?

—Não importa, venha.

—Fomos. Passámos ruas tortuosas e estreitas e, um quarto de hora depois, entrava com ela numa igreja pequenina e simpatica, a catedral de Nice, onde, num dos altares, uma santa formosissima e bucolica, notavel obra de arte religiosa, parecia chamar-nos. E Dulce ajoelhou e rezou enquanto eu, de pé, um pouco atrás, a contemplava embevecido, subjugado.

Terminada a oração, a mêdo, a tremer, preguntou-me:

—Importa-se de que lhe dê as rosas?

—A quem?

—A Santa Terezinha...

—Oh, não, Dulce!

Caminhou para o altar, rapida, nervosamente e eu segui-a e auxiliei-a a depôr as rosas aos pés da Santa. Ela dobrou os joelhos e benzeu-se. Eu, não sei porquê, pela primeira vez na vida, ajoelhei tambem.

Então Dulce tirou do altar uma das rosas que ali depusera e deu-ma, dizendo baixinho:

—Era tão boa que, com certeza, se não zanga de lhe dar uma flôr...

Os seus olhos, de um estranho fulgor, rebrilharam ainda mais e ela, dominada inteiramente pela chama da devoção e da fé, falou-me da Santa:

—Lembre-se de que Joana d'Arc só quinhentos anos após a sua morte foi considerada Santa pela Igreja. A boa irmãzinha de Lisieux, vinte e oito anos depois de se despedir da vida, era solenemente canonisada pelo Papa. Imagine a emoção, a doçura, a bondade, os milagres, o desinteresse, o efluvio divino necessario para se obter semelhante graça, dada num mundo roido de paixões e numa época de desvario, de torpezas e de odios!

—Como você se entusiasma! Dir-se-ia, tambem, iluminada pela chama da fé, quasi resolvida a esconder-se por detrás das grades de um convento...

—Não, infelizmente...

—Infelizmente?

—Sim. Bem vê, uma santa é um ente sobrenatural, mais proximo de Deus que qualquer de nós... E eu, desgraçadamente, não posso aspirar senão a simples mortal...

Deu dois ou três passos hesitantes, parou, e continuou a andar lentamente, de olhos fincados no chão, apoiada no meu braço:

—Não faça troça, você que é um materialista, um ateu, um iconoclasta de bom fundo, de alma clara tocada por Deus... Há figuras, como a da irmãzinha de Lisieux, que excedem a bondade humana. Não conhece os pormenores da sua vida?

—Confesso que não...

—E' natural...

—Diga...

—Não se aborrece?

—Não... Contados por si...

—Oh! por Deus!, por mim não, por ela!

—Seja por ela, minha amiga.

—Lembre-se de que Tereza Martin, assim se chamava ela, sentindo-se, aos catorze anos, levada para Deus, declarou querer professar. Os pais não se lhe opuseram, mas as leis canonicas não o permitiam. E ela não esmoreceu. Foi a Roma, a pé, sofrendo todas as canseiras, todas as dores, todos os vexames—era na época do jacobinismo agudo, não é verdade?—e pediu pessoalmente ao Papa que tomasse uma decisão excepcional. «Sinto a vocação de apostolo e de martir, disse ela, quero entregar-me a Deus». «Tão nova e tão bonita?» preguntaram-lhe. «Sim. Maior será a valia da minha oferta». Não se emociona, Hugo?

—Sim. Emociona-me essa historia contada...

—Não diga tolices... Momentos antes de morrer, ela disse para as irmãs que a rodeavam: «Como é bom morrer!». E, já na agonia, ainda conseguiu articular estas palavras comovedoras: «Quando fôr para o ceu, hei de fazer cair sôbre a terra uma chuva de rosas...

—Foi por isso, então...

—Sei o que vai dizer. Sim, foi ao lembrar-me disso, como me lembro sempre, que depus as suas rosas no altar.

—As minhas rosas, não. As suas...

—As minhas?... So minhas? Oiça: eram nossas aquelas rosas, pois não eram?...

Fomos caminhando para a porta e ela continuou, comovida:

—Guarde essa rosa. Pode ser que a Santa faça o milagre...

—Qual milagre? preguntei-lhe já na rua.

Mas a Dulce não me respondeu e limitou-se a um desabafo:

—Oh! Fez-me tão bem rezar!

Démos uma volta de automovel e, depois, fomos, de novo sentar-nos no Passeio dos Ingleses, á beira mar.

Havia duas horas que uma interrogação me perseguia. Enchi-me de coragem, preparei-me para a resposta «que tem você com isso?» e aventurei-me:

—A-final, você gosta de algum estudante, ou cadete, ou...

Ela interrompeu-me:

—Oh! Hugo, que idéa!

—Mas gosta de alguém?... Entre esses sentimentos todos que há no seu coração de rapariga, tambem está o amor?

Levantou-se, voltou-me as costas e andou uns passos ao mesmo tempo que dizia:

—Sei lá!... Talvez...

«IMAGENS DE VISEU»

O ilustre director do museu Grão Vasco e penetrante critico de arte sr. F. de Almeida Moreira publicou agora uma valiosa monografia intitulada: «Imagens de Vizeu». Trata-se dum lucido documentario e inventario artistico viziense, no qual Almeida Moreira, com larga erudição aliada a um estilo de encantadora simplicidade, descreve os monumentos da linda cidade, traçando a sua historia que chega, por vezes, a ter um interesse humano. «Imagens de Vizeu», livro de estante, precioso pela sua abundante informação, é, porventura, com o seu vivo sentimento de beleza e o seu respeitoso amor pelo passado iconografico e arquitetonico,—uma das mais belas pedras espirituais da terra de Viriato.

A seguir transcrevemos o capitulo dedicado ao paço de Fontelo:

A Casa de Fontêlo, que durante tantos seculos foi habitação dos bispos de Viseu, não tem, em si, o menor interesse arquitectonico.

Nem o mais leve vestigio artistico nela se descortina!

Já não pode, porém, dizer-se o mesmo quanto ao seu interesse historico, não só porque ao Paço de Fontêlo está ligado o nome de alguns dos mais notaveis bispos de Viseu, que ali viveram e morreram, mas tambem porque — já depois de implantada a Republica — deixando de ser residencia dos bispos para se transformar em presidio militar, nele esteve prisioneiro, durante alguns meses do ano de 1927, para responder em conselho de guerra, o malogrado comandante Machado dos Santos.

F. de Almeida Moreira

Desde os meados do sec. XII, em que o bispo D. Odório, com prévio consentimento do Cabido, comprou a quinta de Fontêlo, que ela se torna residencia dos bispos de Viseu, com pequenas intermitencias, até 1720, voltando a sê-lo, definitivamente, depois de 1810 até 1911.

Os bispos que maior interesse mostraram por Fontêlo, quer fazendo-lhe obras, quer adquirindo terras para ampliar a quinta e a mata, foram: D. João Homem e D. Garcia de Menezes, no sec. XV; e o cardeal D. Miguel da Silva, D. Gonçalo Pinheiro e D. Jorge de Ataide, no sec. XVI.

D. João Homem (1392-1426), foi quem iniciou as obras do Paço que, naturalmente, até essa data seria uma modesta habitação, tendo tambem adquirido terras para ampliação da quinta.

D. Garcia de Menezes, seu sucessor (1426-1430), continuou essas obras e fundou a capela junto do Paço, cuja invocação era Santa Marta.

Mais tarde o erudito bispo D. Miguel da Silva (1527-1547), formado em Roma a expensas de D. Manuel, de quem era afilhado, volta a sua atenção para Fontêlo e manda erigir na mata a Capela do Senhor Morto, *tendo tambem adquirido mais terras.*

A seguir, o Bispo D. Gonçalo Pinheiro (1553-1566), outro erudito humanista e formado em teologia pela universidade de Salamanca, que tambem tem o seu nome ilustre ligado a obras feitas na Catedral de Viseu, edificou na mata de Fontêlo a capela de S. Jeronimo, *que oferece a curiosidade de ter uma inscrição em grego na guarnição do portal, e mandou fazer o pórtico da entrada da actual carreira, que dá acesso ao Paço, tendo gravado na torsa uma inscrição em latim.*

Nesta inscrição se faz referencia ao outro pórtico (o que dá passagem para o patio, que é em ogiva e tem a um lado as armas de D. Gonçalo Pinheiro e, ao outro, as doutro bispo para nós desconhecido, mas que possivelmente será D. Luiz Coutinho) e, bem assim, se faz referencia ao hospicio, em que o bondoso e erudito antistite pensou transformar Fontêlo, o que não chegou a levar a efeito por ter falecido pouco tempo depois. Finalmente, nos fins do sec. XVI, é o bispo D. Jorge de Ataide, que, tendo feito a sacristia da Sé de Viseu, tambem faz importantes obras em Fontêlo.

"Arte de julgar"

de Oliveira Guimarães

O dr. Luiz de Oliveira Guimarães, com o seu espirito brilhante e ironico, deu-nos agora um livro encantador, que se pode considerar um verdadeiro manual da «Arte de Julgar». Não suponham, porém, que é um trabalho de bacharel, que se debruçou sôbre os tratados dos mestres para estabelecer doutrina juridica. Oliveira Guimarães é ainda muito novo e o seu espirito bastante irrequieto para enriquecer se-

melhante bibliografia. O seu livro é um comentario humano, em legendas sobrias e breves comentarios, ambos animados dum sorriso ameno, á vida dos tribunais e suas varias incidencias profissionais. Ora a brincar, ora a sério, em facetas agudas de ironia, ele caracteriza as figuras e os meios do fôro, numa interpretação tão sincera, como justa. Certas maximas são dum admiravel relevo. Ao acaso, «colhemos» na «Arte de Julgar» esta amostra curiosa e saborosa que bem revela o valor da obra.

A interpretação da injustiça.

— Pior do que cometer uma injustiça é suportá-la — diz o mau réu.

— Engano — diz o bom juiz. — Pior do que suportar uma injustiça: é cometê-la.

A literatura e o direito.

—*Voulez-vous bien plaider*—afirmou Barboux no seu discurso de recepção na Academia Francesa — *lisez les poetes.* Quere isto dizer que a cultura literária, de que muitos juristas desdenham, é uma das fontes incontestáveis de uma sólida cultura juridica.

Os defeitos das leis.

As leis sendo um produto humano não podem ser infaliveis. Devendo ser justas conduzem-nos, por vezes, a consequencias iniquas. Mas, na maioria dos casos, os defeitos que se atribuem ás leis, antes deviam atribuir-se aos erros daqueles que as interpretam.

A luta do papel.

O numero de folhas de um processo ultrapassa sempre o numero de idéas que esse processo contem. Um processo impressiona, em regra, pelo seu volume. O seu pêso constitui, com frequencia, o indice do seu valor. Mais do que uma nobre luta de direito, uma acção é, geralmente, uma discutivel luta de papel.

A honestidade própria e alheia.

A honestidade revela-se por si propria, e mal vai á sua reputação quando é necessaria apregoá-la, — para mostrar que ela existe. Por isso mesmo é preciso desconfiar das testemunhas que invocam excessivamente a sua honestidade, quando falam da alheia.

O sôro de verdade.

Afirma-se que foi descoberto por um médico e criminologista americano, o celebre doutor House, um sôro contra a mentira. Basta injectá-lo no homem ou na mulher para que a verdade surja, das suas bocas, limpida como o cristal. Se assim fôsse, daqui em diante os tribunais podiam compôr-se quasi exclusivamente dum juiz — e duma seringa.

Virtudes dos que administram justiça.

As virtudes daqueles que administram a justiça devem ser semelhantes ás da própria justiça: imparcialidade, honestidade — e humanidade.

O direito, a lei, a moral e a Justiça.

O direito, a lei, a moral e a Justiça, apesar da sua conexão, nem sempre se mostram absolutamente de acôrdo. Muitas vezes é necessario sair da legalidade para entrar no direito e quantas outras se torna preciso esquecer a propria moral — para fazer justiça!

OS LIVROS DA SEMANA

A CASA FECHADA, (Novelas)
por VITORINO NEMÈSIO

Ha realmente um elemento fundamental em toda a obra de ficção, quer se trate de um romance, quer de uma novela, quer de um simples conto: esse elemento fundamental é a *estrutura psicologica*. Tenha-se ou não por genero definivel, o romance pode delimitar-se, quanto á sua essencia, como genero literario, por esse elemento bem caracteristico. Não se pode conceber um romance sem *estrutura psicologica*. Todo o romance — diria melhor toda a obra de ficção — assenta numa logica humana: numa logica psiquica, direi mais precisamente. Daí a extrema mobilidade dos seus horizontes. Daí o alargamento de que nos ultimos anos tem sido objecto. A psicologia humana é, realmente, mobil, estavel, indeterminada, inconsequente. Ora o romance — a obra de ficção — uma vez que tem por base a psicologia humana,

Vitorino Nemésio

é naturalmente levado a ser tão mobil, tão instavel, tão indeterminado, tão inconsequente como aquilo que procura representar. Não ha romances sem herois. O heroi — eis a estrutura do romance. Quando o heroi se identifica com a pessoa que escreve, o romance torna-se como que a propria sombra do heroi. Nesse caso, o mais caracteristico, nem mesmo chega a haver aquilo a que se poderia chamar projecção em varios planos da psicologia da pessoa humana, pois outra coisa não é o romance em que o heroi é um centro de atracção de todos os outros herois sem contudo se identificar com o romancista. Um romance deste tipo — o romance classico inglês ou o romance realista francês — bem analisado é exactamente isso: projecção em planos varios, tantos, geralmente, quantos os proprios personagens, da maneira de ser de cada uma. E a acção, o enrêdo, portanto, é nem mais nem menos do que o resultado das multiplas intercessões que fatalmente se darão entre as varias figuras projectadas nos varios planos da realidade criada pelo proprio romance.

Quere dizer: numa obra de ficção tudo pode faltar menos uma coisa — a *estrutura psicologica*. Desde que num romance se perceba que estilo, aparato intelectual, arranjo anecdotico, observação do pormenor, descrição fisica não assentam nessa estrutura, podemos considerá-lo obra falhada. Como obra de ficção, claro.

Tenho insistido em que não é só ao romance que tais leis se aplicam, mas a toda e qualquer obra de ficção. E' certo haver diferenças muito pronunciadas entre, por exemplo, uma novela e um romance ou entre um conto e uma novela. Tais diferenças são, todavia, só do campo estetico — tecnico, poderiamos dizer, talvez. A substancia é a mesma. O homem-heroi, o homem-individuo — eis o elemento fundamental do romance, da novela e do conto. Por isso me parece de pouca monta dizer em que pode consistir a especificidade da novela, por exemplo, em face do romance.

Uma novela é como que um romance latente. Em toda a novela está um germe de romance. Mas não convém que a novela se desenvolva como romance. Poder-se-á dizer que a novela é um romance despojado das suas roupagens: numa novela só deve haver o essencial. Pouco mais ou menos como no conto em que, todavia, o essencial tem ser de natureza particular: dir-se-á de natureza simbolica. O conto é a forma de ficção que mais perto está do teatro: sendo o teatro a antitese do romance. Daí que um romancista possa ser tambem novelista: ou o novelista romancista: Balzac, por exemplo. Ou Camilo. Raramente, porém, um contista saberá ser romancista. Maupassant, quando tentou o romance, aplicou-lhe os processos do conto: por isso os seus romances são uma especie de fusão de contos, que entre si procuram concatenar-se. Em vão. Um conto é uma crise. Os romances de Maupassant são uma sucessão de crises que entre si se procuram amparar.

Vitorino Nemésio chamou aos trechos que compõem o seu novo livro — *A Casa Fechada* — novelas (Armenio Amado, Coimbra, 1937). Acho que fez muito bem. Nunca lhes poderia ter chamado contos. Não o são, realmente. Mas uma delas, a segunda, aquela que se intitula *Negocio de Pomba*, tambem poderia ter sido um romance. Pena é que o não seja: talvez se pudesse ter salvo das suas debilidades de novela. Melhor: das suas debilidades de *obra de ficção*. Os seus defeitos são simultaneamente determinados pela sua extensão, que é deminuta em relação á materia que encerra, e em relação á sua propria *estrutura psicologica*: falta-lhe essa estrutura. De resto é tambem a *estrutura psicologica* o que falta á primeira: *O Tubarão*. Só a ultima se não ressente dessa falta: a ultima — *A Casa Fechada* — é uma perfeita novela.

Mas vamos devagar. O caso merece-o. Merece-o Vitorino Nemésio, um dos casos mais interessantes daquilo a que se poderia chamar um *escritor que a si mesmo se procura*. De facto toda a sua obra — que não é pequena para os seus trinta e poucos anos — atestam essa procura paciente, por vezes desorientada, de um escritor excepcionalmente dotado de expressão literaria, mas perdido daquilo que nele pode constituir a verdadeira personalidade. E' o que acontece, de resto, a quasi todos os escritores em que o talento de expressão é superior á sensibilidade. Dir-se-á que estou a fazer uma distinção formalista entre *fundo* e *forma*, na obra literaria. Não digo que não. Mas esta expressão formalista corresponde inteiramente á realidade. De facto, ha no homem uma *imaginação verbal* que nada tem com a *imaginação do espirito*. Eu posso realmente ser capaz de reproduzir com colorido e vivacidade uma anecdota que me contaram. Posso revelar nisso *imaginação verbal*: talento para manejar as palavras. Mas posso não ser capaz de imaginar uma anecdota — ou uma historieta —. Nem por isso deixo de ter *imaginação verbal*, visto ser capaz de colorir o que me contaram: ser capaz de contar com vivacidade.

Aqui está como, por exemplo, certos escritores podem realmente revelar grandes dotes de expressão e não serem capazes de *imaginar*. Eis o que podia acontecer a Vitorino Nemésio. As suas simpatias literarias revelam nele essa deficiencia nos seus primeiros tempos de escritor. E assim Vitorino Nemésio, impelido pelo seu grande talento verbal a exprimir o que quer que fôsse, correu de principio o perigo de nada chegar a exprimir de proprio. Salvou-o a sua curiosidade intelectual e o seu espirito critico lentamente a si proprio revelado. E assim Vitorino Nemésio pôde lentamente despojar-se de certas influencias nefastas, pois lhe vinham de espiritos da mesma natureza do seu, e descobrir a tempo que o escritor tem alguma coisa mais a dizer do que dizer faustosamente nada.

O primeiro passo no sentido dessa libertação são os seus versos. Durante muito tempo, Vitorino Nemesio não queria mesmo que lhe dissessem que em certas paginas suas havia poesia: um aflorar, portanto, de sensibilidade pessoal não propriamente verbal, mas emotiva, psiquica. Daí Vitorino Nemesio partiu para a descoberta do que nele proprio havia capaz de informar, de encher, as suas disponibilidades expressivas. Daí saíu, em grande parte, este seu ultimo livro de novelas. Daí saíra já a sua biografia de *Isabel de Aragão*.

Não sei qual é exactamente a cronologia das novelas do volume que tenho entre mãos — *A casa fechada:* Quere-me parecer que a ultima novela dele é tambem a ultima em data entre os escritos de Nemesio. Pelo menos é essa aquela que melhor revela a posse de uma sensibilidade.

Sim: a primeira novela, *O Tubarão*, é riquissima de expressão verbal. Nemesio foi ainda levado sem querer a tomar a nuvem por Juno. Quando se supunha senhor do que procurava estava apenas ainda sob o jugo do seu verbalismo transfigurador. Sim: por detrás de *O Tubarão* ha, sem duvida, uma Katherine Mansfield. Ou uma Mansfield ou uma Virgia Woolf. Seja quem fôr: ha uma leitura de uma dessas modernas novelistas inglesas para quem a observação da natureza é maravilhamento e ascetismo. Sim: Vitorino Nemesio não tinha descoberto ainda que o que constitui o fundo da arte do escritor não é a divagação verbal: o encadeamento de metaforas, mas a originalidade na observação do mundo — a poesia e o amor com que se descrevem as mais pequeninas coisas da natureza e da alma humana. Foram os escritores ingleses que lhe ensinaram isso. Mas em *O Tubarão* Nemesio começou a girar á volta da luz, estonteado com o novo mundo descoberto. Pôs os olhos na terra, como quem ia descobri-la. Mas, não. A sua visão ainda não estava habituada aos novos horisontes. Nemesio resvalou na realidade — resvalou de algumas notações subtilissimas do que via para o mundo das palavras em si mesmo. Não tardou que Nemesio se deixasse reduzir pela facilidade em desenvolver as imagens até deixá-las completamente desprendidas da terra. Voltou a regressar ao mundo das metaforas — o maior inimigo do novelista.

Daí o fracasso desta novela. Nemesio quere cingir a alma de Zilda, quere analisar-lhe as reacções psicologicas: mas não consegue. Zilda foge-lhe por entre os dedos da analise. E' mais forte nele a solicitação do pitoresco literario do que a precisão da notação psicologica. Por isso se perde no meio da narração, acabando por atirar com a rapariga arbitrariamente para os braços de um rapagão que a mete no seu automovel exactamente no dia menos proprio para ela se deixar cair nos braços de quem quer que seja. Encharcada, distante, apreensiva com o que estarão a pensar dela em casa da amiga que a hospeda, desiludida, lassa, num estado de espirito psicologico e numa disposição fisica que não podiam deixar prever de maneira nenhuma que ela se entregasse ao rapazola, como parece ter-se entregado. Um expediente facil para fechar bem a novela.

Mas a segunda novela, ainda é muito mais massacrada pelas fugas literarias de Nemesio. A materia que ele pretendeu acumular nela é mais de romance do que de novela: nela tudo se devia operar pela morosidade, pelo tempo, visto tudo se operar nela por associações memorativas do protagonista ilheu Renato de Sousa Ormonde, e tudo acaba por se operar, afinal, por bruscas transições exteriores na vida dêle: a chegada do brasileiro, o anuncio da fortuna herdada, a paulada intempestiva por causa de um artigo de jornal, cuja autoria lhe atribuem, o reatamento de um namoro com a vizinha que ele nunca deixara de amar, o repudio da herança, a morte de Mariana, a subita interferencia de Ludres, que ele convida para lhe tratar da roupa e lhe aquecer a cama na propria noite em que morre a velha Mariana e no dia seguinte áquele em que escrevera á namorada: «O teu meigo olhar me ampara em todos os revezes da sorte.» Tudo nesta novela, tão intima nos pormenores, tão cheia de ambiente local e de emoção pelas coisas pequeninas, é, no fim de contas, conduzido por uma vontade exterior ao jogo das personagens e á propria logica dos acontecimentos. Nemesio esqueceu-se completamente de que era uma novela que estava a escrever — a tal obra que assenta numa *estrutura psicologica*. Para cuidar dos pormenores, para escrever algumas belas paginas de evocação das suas ilhas e, quem sabe, das suas proprias recordações pessoais, esquece de todo a verdade da narração, a verdade dos factos, pois os factos têm uma verdade em si mesmo, intangivel. E, assim, Nemesio, conquanto nos diga que Renato, o seu heroi, sofria de uma bronquite asmatica, dava o escarrador junto da sua secretaria sempre limpido, porque «era rarissimo cuspir». Da mesma maneira nos diz que Mariana, a velha criada de Renato, que o criou, que o amimou e que para ele vive, se mostrou radiante quando o soube disposto a casar com a menina Angela, a rapariguinha que o queria só pelos *trinta contos que ia herdar*. Nada menos humano, nada menos natural: a criada que nos criou, como a nossa propria mãi, julgará sempre intrusa a mulher que nós escolhemos para nossa companheira. Nemesio revela nêstes pormenores falta de observação da pessoa humana: pouca atenção psicologica. Ora, sem isso, não se podem escrever novelas.

Mas, que digo? Nemesio chegou, finalmente, á *Casa fechada*. E aí, sim. Aí ha tudo: ha verdade psicologica, ha tragedia, ha a fôrça de destino, ha contradições humanas, ha choques de temperamentos, ha amor, ha ternura, ha sensualidade, ha maldade — ha vida, enfim. Esta novela é uma verdadeira obra prima. Naquela casa fechada ha muitos anos agoniza um velho, crianças dizem coisas maravilhosamente inuteis, criadas falam do que lhes interessa, chegam visitas, partem visitas, um marido sofre por vêr morrer a mulher e esquece-se dela a olhar para os seios da amiga que a trata. Que ambiente de dôr e de sensualidade, de vida e de sonho! E que sobriedade na frase (coisa tão rara em Nemesio!) e que sobriedade nas notações exteriores e interiores (coisa rara nele tambem). Enfim: esta novela vale as outras duas. Esta novela é uma obra prima.

JOÃO GASPAR SIMÕES

UM MOTIVO HEROICO

NUMA CANÇÃO INCOMPLETA

A voz dos clarins limpida num timbre
Tinge a sombra e os ares
No vivo deliquio de um lume cantante.

Lenta e pegajosa, miudinha e fria,
A chuva — teimosa,
Cai soturnamente... — Pressente-se o dia!

E vão encharcados os pobres soldados!

Um sorriso? Um adeus?
— Ninguem se debruça
Para os ver passar
Na estrada silente...

Ninguem! Só os passos:
— Marchar sempre em frente!...

Calam-se os clarins.

Tudo no mundo tem a medida do homem.

O silencio alastra
Na manhã que vem a romper.

Apenas —
O relinchar suavissimo das botas
Na terra molhada.

Mais silencio ainda.

— Rebentam as flores na luz da alvorada!

ANTONIO BOTTO